



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE MIRACEMA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ALANA TAMARA SOUSAMOREIRA

**PEDAGOGIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO NAS ESCOLAS NO
MUNICÍPIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS – TO**

Miracema do Tocantins, TO

2018

Alana Tamara Sousa Moreira

Pedagogia e o ensino de geografia: um estudo nas escolas no município de Miracema do Tocantins – TO

Monografia apresentada à UFT- Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema do Tocantins para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Layanna Giordana Bernardo Lima.

Miracema do Tocantins, TO

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

MS38p Moreira, Alana Tamara Sousa.
 Pedagogia e o Ensino de Geografia:: Um estudo nas escolas no município de Miracema do Tocantins -TO . / Alana Tamara Sousa Moreira. – Miracema, TO, 2018.
 69 f.

 Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2018.
 Orientadora : Layanna Giordana Bemardo Lima.

 1. A Historicidade da Geografia. 2. Marcos Legais do ensino de Geografia. 3. Projeto pedagógico de pedagogia (PPC) - Sobre o ensino da geografia na universidade. 4. Relativizando os dados da pesquisa. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ALANA TAMARA SOUSA MOREIRA

PEDAGOGIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO NAS ESCOLAS NO
MUNICÍPIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS – TO

Monografia apresentada à UFT- Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema do Tocantins para obtenção do título de Pedagogo, sob orientação da Prof^aDr^a Layanna Giordana Bernardo Lima.

Data da aprovação: 10/12/2018

Banca Examinadora:

Prof. Dr^a. Layanna Giordana Bernardo Lima, Orientadora, UFT

Prof. Dr^a. Brigitte Úrsula Stach Haertel, Examinadora, UFT

Prof. Dr. Antônio Oliveira Miranda, Examinador, UFT

Dedico primeiramente a Deus, em especial a minha mãe Santana e ao meu pai Joaquim, aos meus irmãos Samara, Samila, Sami Augusto e a minha amada filha, Maria Valentina que mesmo com as minhas ausências e angústias, sempre me recebe com seu sorriso lindo de braços abertos para receber dizendo docemente: mamãe te amo. Aos meus avós Perpetua Moura, José Quirino (in memoriam) e Alcides Batista (in memoriam) e Luiza Moreira.

AGRADECIMENTOS

Sou grata em primeiro lugar a Deus por estar sempre presente e ser essência da minha vida, e especialmente a minha mãe Santana guerreira que sempre está ao meu lado em todos os momentos, por ser mãe avó da minha filha, na minha ausência enquanto estava na universidade estudando e que sempre me deu uns puxões de orelhas para não desistir.

Agradeço a minha filha Maria Valentina, minha maior motivação nos momentos difíceis para continuar sempre lutando e buscando o melhor de mim. A todos meus colegas de faculdade pela as turmas que passei em especial a Simone, Poliana, Márcia, Rosa Clara, Valdiana pelo companheirismo durante a minha trajetória na universidade onde construímos uma amizade que levarei para toda a vida.

Minha gratidão ao Prof. Dr. Antônio Miranda Oliveira, tenho grande admiração por ser um exemplo de humildade e competência. Neste ensejo agradeço a todos os professores que contribuiu na construção do meu conhecimento e formação. E a toda comunidade acadêmica que contribuíram diretamente ou indiretamente em minha trajetória na Universidade Federal do Tocantins.

Também quero agradecer imensamente minha orientadora prof. Dr^a. Layanna Giordana B. Lima, por ter dado suporte necessário na construção do meu TCC.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”. Paulo Freire.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o universo das aulas práticas de Geografia nos anos iniciais, bem como, observar a conjuntura da práxis do pedagogo como professor dessa disciplina. A geografia é uma área do conhecimento que desenvolve capacidades práticas e teóricas, em crianças na faixa etária dos anos iniciais, que tem repercussões importantes na sua vida adulta enquanto cidadão. Realizou-se uma pesquisa qualitativa e de campo desenvolvida através da técnica de questionário com perguntas abertas a 9 (nove) professores (as), das escolas municipais Francisco Martins Noletto e Vilmar Vasconcelos Feitosa da cidade de Miracema do Tocantins – TO. Os professores elencam dificuldades e necessidades oriundas da formação inicial e do trabalho docente com conteúdos geográficos nos anos iniciais. Sabe-se que o ensino de geografia contribui para a formação do cidadão crítico, mas não basta o professor trabalhar com conteúdos críticos é fundamental que ele leve para sala de aula algo que irá fazer com que os estudantes venham refletir, pensar, raciocinar, participar, para que possam formar suas próprias opiniões acerca do espaço onde vivem isso também é tão importante quanto os conteúdos críticos.

Palavras-Chave: Geografia. Pedagogia. Práxis. Didática. Professor.

ABSTRACT

The present research had as objective to analyze the universe of the practical classes of Geography in the initial years, as well as to observe the conjuncture of the praxis of the pedagogue as teacher of this discipline. Geography is an area of knowledge that develops practical and theoretical skills in children in the early years, which has important repercussions on their adult life as a citizen. A qualitative and field research was developed using a questionnaire technique with questions open to 9 (nine) teachers, from the municipal schools Francisco Martins Noleto and Vilmar Vasconcelos Feitosa from the city of Miracema do Tocantins - TO. Teachers list difficulties and needs arising from initial training and teaching work with geographic content in the initial years. It is known that the teaching of geography contributes to the formation of the critical citizen, but it is not enough for the teacher to work with critical contents, it is fundamental that he brings to the classroom something that will cause the students to come to reflect, to think, to reason, to participate, so that they can form their own opinions about the space where they live, this is also as important as the critical contents.

Keywords: Geography. Pedagogy. Praxis. Didactics. Teacher.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	A HISTORICIDADE DA GEOGRAFIA.....	10
2.1	A geografia e seus segmentos científicos	17
3	MARCOS LEGAIS DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL.....	20
3.1	Geografia nos anos iniciais	21
3.2	O ensino de geografia e a pedagogia de ensino	24
3.3	Alfabetização cartográfica nas séries iniciais	35
3.4	O parâmetro curricular nacional de geografia(PCN) séries iniciais	39
4	PROJETO PEDAGÓGICO DE PEDAGOGIA (PPC) SOBRE O ENSINO DAGEOGRAFIA NA UNIVERSIDADE	45
5	RELATIVIZANDO OS DADOS DA PESQUISA	49
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
	REFERÊNCIAS	62
	APÊNDICES	65

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi motivada pelas oportunas inquietações surgidas durante a trajetória do estágio supervisionado no 5º período onde se observou que as aulas de Geografia eram monótonas e cansativas e que de certa forma, por isso, dificultava o aluno a aprender Geografia. Desta forma, refletindo e analisando sobre os desafios dos docentes no ensino da disciplina nos anos iniciais, percebeu-se a necessidade de pesquisar e procurar alternativas com trabalho de pesquisa com o intuito de melhorar o ensino e/ou torná-lo mais dinâmico e assim, contribuir para formação emancipatória do aluno.

Neste sentido, a pesquisa buscou refletir sobre os desafios do professor em sala de aula norteada pelos seguintes apontamentos: se a formação emancipatória do pedagogo contribui para atuação docente ao ensinar geografia e seus desafios nos anos iniciais, observar pela visão do professor como ele lida com o ensino de geografia, bem como, quais as dificuldades do mesmo na questão da disciplina no quesito ministrar as aulas, e ainda analisar as suas dificuldades para tal.

Entendendo que estudo de geografia nos anos iniciais é de grande relevância para vida das crianças na construção cognitiva, espacial, bem como, na construção do mesmo como ser social, e sendo o professor de geografia o mediador destes conhecimentos e pautador dos ensinamentos que fomentará todas essas questões, encontrou-se o motivo para este estudo.

Desta forma, no segundo capítulo, se fará uma breve abordagem acerca da historiografia da geografia em termos mundiais, com a premissa de saber brevemente, desde o seu surgimento até os dias de hoje, e os segmentos científicos da mesma. No terceiro capítulo, se abordará sobre os marcos legais que amparam a disciplina de geografia, bem como, saber como a mesma se faz nos anos iniciais segundo os autores. Dentre outros, a abordagem sobre a importância da cartografia nos anos iniciais. No quarto capítulo, se verá uma rápida abordagem da disciplina no PPC de Pedagogia, com o intuito de pautar a discussão que se fará em seguida na parte final do trabalho que se refere ao resultado da Pesquisa (análises dos dados).

2 A HISTORICIDADE DA GEOGRAFIA

A Geografia é uma ciência de extrema importância para a humanidade e isto é provado por vários estudiosos em suas pesquisas desde as mais longínquas datas na história dos povos. Dessa forma, sua relevância, não é pautada somente no quesito espaço humano, ou no saber sobre países (e suas localizações) ou ainda sobre relevos (e outros aspectos sobre terrenos - Geomorfologia), mas também, no quesito transformador do ser, através de seus estudos de vasta amplitude no ser social e sua interação direta ou indireta com a natureza e os desdobramentos desse fenômeno.

Assim Santos (2004) explicita:

[...] É a partir desta realidade que encontramos no território, hoje, novos recortes, além da categoria, região; e isso é um resultado da nova construção de espaço e do novo funcionamento do território, através daquilo que estou chamando de horizontalidades e verticalidades.(SANTOS, 2004; p 16).

Neste sentido, a Geografia que para Kaercher (2003) etimologicamente vem do grego *geo = terra, grafia = descrição*, é concebida como disciplina escolar, por volta de 138 anos atrás, e nasce na Alemanha em torno de 1880. Neste sentido, é uma ciência que tem como foco pesquisar ou estudar de várias maneiras o ambiente onde o homem está inserido, desta forma, é entendida também como algo que examina a área física, biológica e humana do mundo. Nesta área pode-se estudar o espaço, plantas, animais, rios, figuras e outros. De forma que se ressalta a sua grande importância para os indivíduos, pois, é um instrumento de conhecimento que servirá de orientação para o homem compreender sua realidade.

Sobre esse assunto Moraes (2009; s/p) afirma que o estudo dessa ciência “que se produz nas sociedades de Geografia (estudadores dessa ciência) é um conhecimento de tudo que se refere a povos e territórios dos diferentes cantos do mundo, reunindo as dentre outras as sociedades viajantes, naturalistas, militar”. Neste sentido, os mesmos primam por atender ao público mais amplo em seu desejo de conhecimento dos povos e lugares, de forma que nas escolas de Geografia atendem aos propósitos de formação acadêmica dos que vão ter na geografia sua área e campo de atuação mais específico.

Os autores Moraes e Souza (2005), explicitam que o surgimento original da Geografia se faz na Grécia antiga pelo sentido de que além dos gregos serem grandes estudiosos e pesquisadores, também grande parte do mundo ocidental conhecido era dominada por eles, principalmente em se tratando do leste do Mediterrâneo, neste sentido, sempre interessados

em descobrir novos territórios de domínio e atuação comercial, era fundamental que conhecessem o ambiente físico e os fenômenos naturais. De acordo com Moreira (2014, p. 13), “a trajetória do saber geográfico vem dos séculos I e II de nossa era, quando no primeiro século foi criada por Estrabão (ou Strabo) e ao segundo, por Claudio Ptolomeu”.

De acordo, com Menezes (2015, p. 345) apesar de Ptolomeu e Strabo estudarem a geografia através da descrição da paisagem e superfície da terra, isto não garantia que suas formas de analisarem o fenômeno, eram as mesma, haja vista que a perspectiva se diferenciava, pois enquanto Strabo fazia suas análises pelo prisma da superfície terrestre em escala horizontal, de maneira que a diversidade das paisagens era vista sob o ângulo dos diferentes modos de vida dos seres humanos, Ptolomeu, considerava a escala vertical pautando sua análise através das relações da Terra com o universo, ou seja, de forma mais ampla e universal, desta forma, Strabo se tornou o pai de Geografia Regional.

Diante disto, continuam explicitando Moraes e Sousa (2005)

No século IV a.C., os gregos observavam o planeta como um todo. Através de estudos filosóficos e observações astronômicas, Aristóteles foi o primeiro a receber crédito ao conceituar a Terra como uma esfera. O Pai da Geografia Em sua especulação sobre o formato da Terra, Strabo acabou escrevendo um obra de 17 volumes, 'Geographicae', onde descrevia suas próprias experiências do mundo - da Galícia e Bretanha para a Índia, e do Mar Negro à Etiópia. (MORAES; SOUSA, 2005; s/p).

Dessa forma, não cessam as contribuições do povo grego para a humanidade, e neste caso específico a Geografia, haja vista que os mesmo deixaram manuscritos contando suas experiências e vivências sobre os Estudos feitos no Egito antigo, nos quais detalhavam entre outras, o período de cheia anual do rio Nilo, uma das principais fontes de suprimento e subsistência do povo egípcio, tendo em vista que os mesmos cultivavam, plantavam e colhiam sobre o tão generoso rio em processos de seca e cheia do mesmo (MORAES; SOUSA, 2005).

Neste sentido, a geografia estuda e pesquisa onde habitam os indivíduos, onde ficam as faunas e as floras, a mesma estuda também o espaço, os movimentos, o que há no espaço e outras descrições da superfície terrestre. Dessa forma para que aconteça uma extraordinária pesquisa é fundamental aos especialistas da área se entregar a alguns métodos, por exemplo, realizar leituras sobre a pesquisa, fazer pesquisa a campo, analisar gráficos para aprofundar o conhecimento para contribuir nas informações que necessariamente são favoráveis.

De acordo, com Menezes (2015; p. 345) Varenius no século XVII apresentou uma concepção de Geografia advinda da união das normas de Strabo e de Pitolomeu, horizontal e vertical. Contudo só nos dois seguintes séculos XVIII e XIX, verifica-se uma mudança no que

concerne ao foco de interesse da Geografia de forma que se antes a mesma era vista como sobre descrição de paisagem é então revista pelo estudo do homem e do meio. Tido como um grande estudioso e ator das novas transformações e visões no campo das ciências da Geografia está Kant, que em suas pesquisas utilizou o homem-natureza atrelado aos fenômenos dos estudos, o que foi de fundamental importância para os novos rumos da história da Geografia e estudos o que fez com que a Geografia fosse reconhecida como campo do conhecimento.

A concepção de Geografia Kantianas se referênciam em 4 estruturas:

ESTRUTURAS KANTIANAS NA CIÊNCIA DA GEOGRAFIA	
1 ^a	A concepção aristotélica, ainda prevalecente, da coisa física como tudo que forma o mundo externo da nossa percepção;
2 ^a	A forte influência da ideia da natureza como coisa inorgânica recém-introduzida no conhecimento científico pela física newtoniana;
3 ^a	A presença determinante das ideias da geografia pura;
4 ^a	O próprio interesse de Kant de tê-la como suporte de sua reflexão sobre a natureza ao lado da reflexão do homem propiciada pela antropologia pragmática.

Fonte: Rui Moreira – O que é Geografia, ano 2010.

Para o autor, o que Strabo definiu em suas pesquisas como forma de análise da ciência da Geografia onde é considerado o homem não de forma isolada ou a terra, pelo sentido que o homem é um ser social e, portanto, vive em contato com a totalidade de tempo, espaço de forma variada, desta forma, a evidenciar o seu modo de vida e envolvimento no meio, serve até hoje como premissa para se estudar a Geografia em sua ciência mais apurada, levando em consideração a felicidade, a vida e as relações sociais.

Entretanto, a história da Geografia demonstra que nem sempre ao usá-la como ferramenta técnica de estudo, foi desconsiderado o compromisso com o que Moreira (2009) chama de “o grande problema da vida e da felicidade”, por conta dos percalços da história que fizeram da vida e da felicidade um grande problema. De forma que, a Geografia “[...] do homem sempre se defrontou nessa história com uma geografia oficial, uma geografia situada muito próxima da ideologia e feita e praticada não para, mas contra a realização da vida e da felicidade como uma realização humana (MOREIRA, 2009; s/p)”.

De forma que a Geografia entra curricularmente nas escolas na Alemanha e isso se deve ao contexto histórico que marcava a sociedade alemã no século XVIII e início do século XIX, o que explica a urgência desta disciplina no ensino básico e a sua institucionalização na academia, contudo, a escola representava um espaço controlador que reproduzia um discurso para atender os interesses de determinada classe que visava à consolidação da Alemanha como Estado Nacional. A Geografia, por sua vez, exerceu uma função imprescindível neste processo (MENEZES, 2015).

Todavia, de acordo com Pontuschka e Paganelli (2007) as ideias alemãs (Karl Marx, Karl Ritter, Friedrich Ratzel) chegam ao Brasil, por intermédio dos geógrafos franceses, que se embasavam com ressalvas e de forma crítica a La Blache e seu método analítico que em suma era:

[...] observação de campo, indução a partir da paisagem, participação da área enfocada (traços históricos e naturais) comparação das áreas estudadas e do material levado e classificação das áreas e dos gêneros de vida em séries de tipos genéricos, devendo chegar, no fim, a uma tipologia. (PONTUSCHKA; PAGANELLI, 2007; p. 44).

De acordo com as autoras acima, os estudos de Ratzel, por exemplo, defende um método geográfico que considerava que a natureza tinha grande influência sobre o homem e assim o definia como: o estudo da influencia que as condições naturais exercem sobre a humanidade. Já Ritter defendia o conceito “sistema natural”, ou seja, que a natureza era um grupo de elementos que possuía individualidade, mas, de área delimitada e nestes sistemas o homem seria o principal dos atores desse fenômeno ou cenário. Enquanto La Blache defendia que antes de se dizer algo, havia que ter uma investigação mais complexa de forma a estudar outros fenômenos do conjunto de organismos, condições atípicas, territoriais e afins, para só então, se chegar a um consenso. Contudo, com o passar do tempo, as escolas brasileiras aderiram ao modelo de estudo de La Blache.

Menezes (2015) pontua que a chegada das ideias da escola francesa ao Brasil fomenta discussões no cenário dos Geógrafos brasileiros:

A crise da Geografia Tradicional começa a se desenvolver por volta da metade do século XX e está profundamente relacionada à crise do positivismo. Houve mudanças na sociedade, o capitalismo se fortaleceu e iniciou-se uma revolução tecnológica. Aliado a isso, as formulações teóricas e as técnicas tradicionais não eram suficientemente capazes para explicar a complexidade da organização do espaço e da realidade social que se apresentava. (MENEZES, 2015; p. 345).

A crise da corrente tradicional foi um momento importante da história da Geografia, pois propiciou uma discussão sobre os rumos que esta ciência estava tomando. Assim, levantaram-se questionamentos, realizaram-se reflexões, apresentaram-se propostas. Abriu-se um caminho para o novo, para novas possibilidades nesta ciência, de maneira que este também foi um momento profícuo aos que se dedicam à Geografia.

Ora, parte da perspectiva de que a crise acarreta um processo que visa sua superação, isso torna interessante e revigorante aos geógrafos. Nesta mesma linha de pensamento, Porto-Gonçalves (1982, p. 11) reitera como parte de um dos movimentos pela Geografia: “Se a geografia está em crise, viva a geografia!”. Pois, de acordo com Menezes (2015) houveram alguns movimento de renovação acerca da Geografia tradicional onde pleiteavam a sua superação o que culminou com a Geografia Renovada, neste sentido destacou-se a *New Geography* e a Geografia Crítica como duas novas formas de pensamento, “a chamada geografia quantitativa prestou-se maravilhosamente ao jogo de certo número de geógrafos aplicados exageradamente à tarefa de manutenção de todo tipo de status quo [...]” (SANTOS, 2008, p. 107).

O nome *New Geography* decorreu de forma a deixar claro a necessidade de melhores análises/discussões sobre novos rumos a Geografia, ou seja, foi proposital, desta forma os “defensores dessa nova linha buscavam deixar clara sua distancia em relação a uma geografia que, para muitos deles, não seria somente uma geografia ultrapassada, mas, sobretudo uma ‘não geografia’ (Santos,2002; p.61)”.

Menezes (2015) explicita:

A *New Geography* (Nova Geografia) é também conhecida como Geografia Pragmática e apresenta como uma de suas principais tendências a linha teórica denominada de Geografia Quantitativa. Esta se formou inicialmente nos Estados Unidos a partir da década de 50 do século XX, no período pós Segunda Guerra Mundial, em que o mundo passava por transformações políticas, econômicas, científicas. Criticou a Geografia Tradicional principalmente no que se refere à ausência de aplicabilidade prática. Dessa forma, as críticas elaboradas não se direcionavam aos fundamentos que embasavam a perspectiva tradicional, mas sim os métodos e técnicas adotadas. (MENEZES, 2015; s/p).

Diante disto, enquanto a *Geografia Pragmática* buscou uma atualização focada apenas da forma e não do conteúdo da corrente tradicional, construiu assim, um novo instrumental técnico à Geografia, desenvolvendo uma renovação puramente metodológica o que culminou em o que alguns autores chamam de uma “renovação conservadora da Geografia”. Houve assim, uma mudança de método de positivista da Geografia Moderna para o neo-positivismo no que se chamou de Nova Geografia, criando-se assim, novas técnicas e novas linguagens, mas que não levavam em conta os pressupostos da teoria da ciência da Geografia. No que

tange a *Geografia Quantitativa* norteou-se nos métodos matemáticos para explicar a realidade, reduzindo a parte analítica das relações entre os elementos da paisagem como apenas relações quantitativas, desconsiderando “a questão social e afastou o ser humano de suas preocupações, além de não atentar para o espaço das sociedades em constante transformação (MENESEZ, 2015; p. 350)”.

Conforme Cavalcanti (1998) a história da geografia vista como uma disciplina educacional apresenta seu início desde o século XIX, no momento que foi inserida nos âmbitos escolares tendo a finalidade de ajudar no desenvolvimento, em outras palavras, ajudar na formação do sujeito através da transmissão da ideologia do nacionalismo patriótico. A mesma afirma também que a geografia no término do século XX era basicamente métodos tradicionais, pois fundamentava no positivismo, neste período era um ensino relacionado às opiniões e conceitos nacionalistas, a sua técnica era descritiva pautada no saber do professor atrelado aos conteúdos dos livros didáticos desconsiderando o saber do aluno nas suas vivências do cotidiano tornando o processo de aprendizagem da geografia de forma simplista reducionista e fragmentada e carente em relação ao questioná-la.

Segundo Menezes (2015) nos anos 70 do século XX, começou a se fortalecer a corrente da Geografia Crítica, esse movimento dentre outros apresentou um caráter político e social e visou provocar uma ruptura com as perspectivas anteriores, principalmente no tocante ao pensamento geográfico tradicional. De forma que se considerou que a Geografia não deveria auxiliar na manutenção da ordem vigente, mas sim, contribuir de forma mais pragmática no processo de transformação social que ia de encontro com as pesquisas embasadas nesta vertente e que tinham o intuito de desvelar a realidade, explicitando as contradições sociais e assim, superar as desigualdades e injustiças que marcavam (e ainda hoje marcam) a sociedade.

Desta forma, é imprescindível afirmar que era uma geografia bem descritiva e carente em ser questionadora para os estudantes em geral. Portanto, estava voltada em assuntos repetitivos, onde os alunos tinham que memorizar, sem falar que não era fascinante. Através disso que muitos indivíduos apresentam aborrecimento e horror a disciplina de geografia. Pode-se dizer também que por esse motivo os professores de geografia (pedagogos) dos anos iniciais não se veem vinculados a essa disciplina que acaba se tornando apenas mais uma disciplina.

Para Cavalcanti (1998) no período de 1970, a finalidade da geografia era totalmente marcada pelo papel de conduzir elementos acerca do espaço social do mundo e suas dimensões, incluindo-se diversos países. A mesma enfatiza também que as reformulações da

disciplina de geografia aconteceram por meio das críticas a respeito de duas correntes, tais como: *Geografia tradicional* e *Geografia quantitativa*. Por meio das críticas elevadas acerca das correntes citadas que envolvem o ensino de geografia aparece outro olhar desta disciplina que é a Geografia crítica.

Assim Menezes (2015), apud Moreira (1982) afirma:

A Geografia Crítica questionou os métodos (positivista e neopositivista), mas também os fundamentos das correntes tradicional e pragmática, como o empirismo e naturalismo demasiado. Adotou o materialismo histórico e dialético como método de interpretação e caracterizou-se pela articulação entre teoria e prática. Isto é, não bastava entender o mundo e a realidade, era preciso transformá-los. Defendeu a concepção de que “a geografia, através da análise dialética do arranjo do espaço, serve para desvendar máscaras sociais, vale dizer, para desvendar as relações de classes que produzem esse arranjo” (MENESEZ, 2015; apud MOREIRA, 1982, p. 14).

De forma, que sobre este prisma teórico passou-se a analisar a relação entre a sociedade e a natureza na produção do espaço geográfico, considerando-se a realidade do ser como mutável, dinâmica e em permanente movimento. De maneira que no ensino, “esta corrente esteve presente através da ênfase dada à construção do espaço permeado de tensões, conflitos e contradições sociais. Entretanto, a Geografia Crítica ainda possui dificuldades de consolidação no espaço escolar (MENEZES, 2015; p. 351)”.

Assim, observa-se que na década de 70, houve grandes avanços acerca da Geografia tanto em estudo, movimentos, quanto em análises e práticas, haja vista que foi desenvolvida a Geografia Humanista, embasada especialmente na fenomenologia, também apresentando crítica ao positivismo lógico que embasou a Geografia Moderna e Quantitativa. A corrente humanista além de provocar seu revigoramento, possibilitou uma nova abordagem na ciência da Geografia.

De acordo com Correia (2012) diferentemente da Geografia **Crítica, Quantitativa e Tradicional**, a *Geografia Humanista* assentou-se na intuição, na subjetividade, no simbolismo, nos sentimentos, “privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real (CORRÊA, 2012, p. 30)”. “Nesse sentido, a conceito de lugar assumiu suma importância, visto que relaciona-se ao experienciado, ao vivido (MENEZES, 2015; p. 352)”.

Neste sentido, com a Geografia Humanista, retomou-se a Geografia Cultural, constituída nos anos Estados Unidos da América na década de 20, do século passado, com uma base teórica distinta à atual perspectiva cultural da Geografia. Desta forma, a cultura torna-se uma questão-chave para a compreensão do espaço geográfico ao refutar a ideia de

uniformização engendrada pela globalização e demonstrar a existência de pluralidades culturais (TONINI, 2006).

Portanto, a Geografia (e segmentos científicos) contribui em sua prática escolar (e social) como uma ferramenta que possui excelentes condições em sua essência, de propiciar uma vasta gama de conhecimentos, não só aos alunos que a estudam mas também aos que a ministram, haja vista que através de seus estudos, se entra em contato teórico, prático no natural/social/histórico, e assim, inevitavelmente estará ampliando-se sobre as multiplicidades das realidades dimensionais sociais, e assim, se empoderando como ser social. Dessa forma, entenderá melhor o meio em que vive e as transformações ininterruptas pessoais, sociais e da natureza, pois esta ciência tem o poder de dialogar/analisar os inúmeros meios (social, econômico, pessoal, natureza, territorial entre outros), o fazendo se reconhecer como parte do processo.

2.1 Geografia e seus segmentos científicos

A Geografia é uma ciência que surge de forma limitada apenas na utilização de sua ciência para a medição de território, o que muda ao longo dos séculos, e com estudos de muitos estudiosos, a mesma de quase simplista começa a se subdividir para se aperfeiçoar. A precursora destas divisões se faz quando a Geografia cria as subdivisões *Geografia Regionale* a *Geografia Geral* ou *sistemática*, a primeira é o estudo da maneira circunstancial da combinação elementar e os fatores geográficos para traçar as regiões ou paisagens, a segunda, tem como objetivo o descobrimento dos princípios gerais de modo que esses princípios generalistas são a explicação das mais variadas paisagens que existem na Terra.

Diante disto Bauab (2011) aponta:

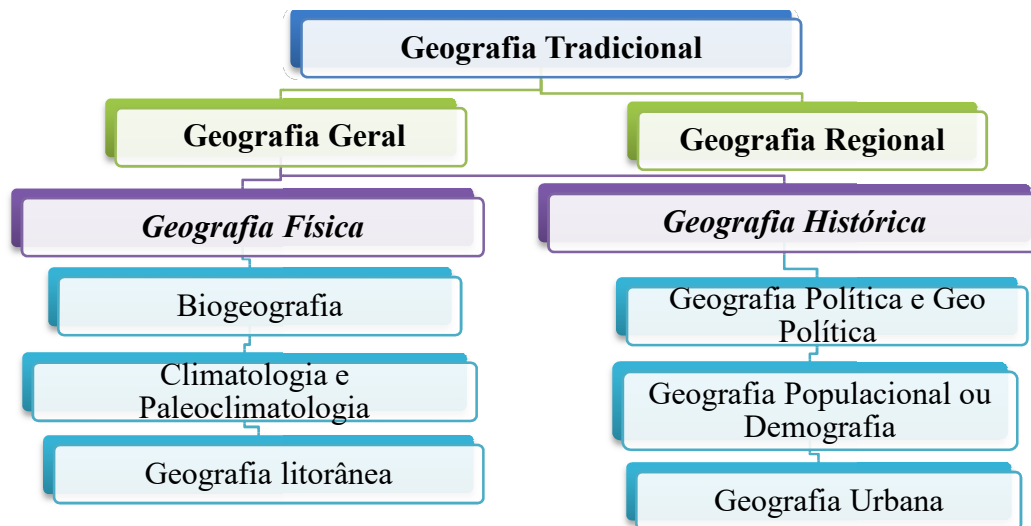
No corpo de sua obra de 1650, Varenius dividiu a Geografia em duas partes: uma Geral e outra Especial. Nas palavras de Varenius (1984), Geografia General o Universalesllamadala que considera la Tierra en conjunto y explica sus propiedades sintener en cuenta las particularidades de cada región (p.134). A Geografia Especial ou Particular é a que se deteria na constituição de cada uma das regiões, possuindo, para tanto, dois ramos: a corografia, que descreveria regiões de extensões maiores e a topografia, que deveria descrever com detalhes um lugar ou pequenas extensões do planeta. (BAUAB, 2011; p. 2014).

Contudo, devido a amplitude da análise de elementos, a *Geografia Geral* é subdividida novamente em mais duas disciplinas que são a *Geografia Física* e a *Geografia Humana*. As mesmas analisam as diferentes variações da natureza ocorridas num certo lugar. A geografia física considera tanto os aspectos ambientais como a sua ligação com o ser

humano e com exemplos dessas pesquisas são o choque da atividade do homem sobre a natureza, ou a solução do ser humano para as características ambientais.

No tocante a **Geografia Humana**, a mesma estuda o homem e o meio em que vive, seus aspectos, hábitos costumeiros, idiomas, credos religiosos, profissões e necessidades. A geografia humana é o estudo disciplinar dos diferenciados processos em que o ser humano está presente. Sendo que a mesma dá especial atenção ao seu espalhamento na superfície da Terra e às ligações que se estabelecem com os fenômenos naturais.

Vejamos no organograma abaixo como se faz algumas das ciências oriundas da Geografia Geral:



Fonte: Site - A Ciência Geográfica - estruturação: Alana Tamara Sousa Moreira.

Desta forma, a Geografia descortinou o mundo dos saberes por simples traços e análises e assim, vem até os dias de hoje fazendo parte da transformação do homem-natureza, em todos os espaços, tanto social, humano, nas relações sociais, no campo das ciências e estudos, e assim, de muitas outras as contribuições para a humanidade dada por esta ciência não tem fronteiras e observa-se que ainda pode fazer muito.

Sendo que é dentro de cada segmento que cada especificidade se aprofunda para melhor entender o meio em que o ser habita, seus hábitos vivências, comportamentos uns com os outros e desta forma agindo de forma mais precisa na prevenção de cada espécie, por alinhamentos feitos em cada meio, de forma a cada um se adaptar a todos e assim haver o equilíbrio entre os povos e variedades no universo.

3 MARCOS LEGAIS DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL

Segundo Marques (2008) só a partir da Reforma de Capanema e com a aprovação da Lei Orgânica do *Ensino Primário e a Lei Orgânica do Ensino Normal* no ano de 1946, que o ensino de Geografia passou a fazer parte do currículo oficial do ensino primário no Brasil, haja vista que antes disto a Geografia fazia parte desse nível de escolaridade de forma indireta, pois os conteúdos geográficos eram estudados em textos dos livros didáticos que os professores selecionavam, e não de forma predefinida e criterizada.

As LBD's, Lei 4.024/61 e a de Lei 5.692/71 tinham o objetivo de alinhar o sistema educacional aos planos do estado capitalista militar, a fim de adequar a educação à ideologia do “desenvolvimento com segurança”, a Geografia foi vista como imprópria/inapropriada para estes intuídos do governo de Jânio Quadros e desta forma, não colaborava para a realização dos objetivos políticos e ideológicos daquele momento, então, o mesmo, instituiu a Educação Moral e Cívica em todos os graus da rede de ensino. Mesmo com a reforma da LBD de 1971, a Geografia mais uma vez não foi incluída, de forma contrária a mesma foi mais uma vez substituída, desta vez, pela disciplina *Estudos Sociais* que também tinha o intuito de absorver a disciplina de História.

Segundo Pizzato (2001) nessa altura o ensino das ciências humanas, leia-se também Geografia, foi difícil e um terreno arenoso de forma a ser sempre instável, haja vista que as mesmas não fortaleciam o regime atual da época. O enfoque se deu mais às disciplinas técnicas, ditas profissionalizantes em detrimento a da área de humanas, haja vista que o avanço do Fordismo, fez com que as matérias de exatas (matemática e afins) fossem mais “úteis” para o sistema e assim, se tornaram prioridade para a economia.

Assim, para Marques (2008) que em relação às primeiras séries do Ensino Fundamental não houve modificações, o que só veio a acontecer na década de 90, com a aprovação da nova LDB n.9394/96 em 20 de dezembro de 1996, em substituição às leis por números: 4.024/61, nº 5.540/68 e nº 5.692/71. De forma que em 14 de junho de 1993, por meio da lei nº 8.663, foi revogado o decreto-lei nº 869/69, que incluía a EMC (Ensino de Moral e Cívica) nas escolas, entretanto, somente com a publicação dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) é que de forma materialmente legítima, a Geografia passou de forma

legal ter seu espaço nos currículos escolares e nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. “De acordo com os PCN/1997 adquirir conhecimentos básicos de Geografia é algo importante para a vida em sociedade, em particular para o desenvolvimento das funções de cidadania (MARQUES, 2008; p. 209)”.

A esse respeito, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB, do ano de 2001, ressalta que a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, e esta necessita ser bem estruturada para que os alunos possam vir a progredir de maneira significativa em todo o processo de aprendizagem, valorizando, assim, os componentes como, o brincar, o espaço, as brincadeiras, entre outros, para a assimilação da criança no seu desenvolvimento corporal e intelectual.

Neste sentido afirma Silva (2011):

Percebe-se que na Educação Infantil, a Geografia faz parte de um processo fundamental no desenvolvimento da criança, portanto essa disciplina não pode ser trabalhada somente nos anos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, ela deve ser trabalhada na Educação Infantil na perspectiva do lúdico, da observação e das experiências das crianças. (SILVA, 2011; p. 9).

Neste sentido, para Pizzato (2001) as transformações ocorridas no que se refere à educação que ocorreram no país, demonstram que ao longo do século, uma ideologia educacional que surge para cimentar a consolidação do capitalismo. De forma a evidenciar rumos que acabam por consolidar a dependência haja vista que as mesmas não romperam estruturas e sempre se sobressaem de forma conservadoras, “ré-formas” onde o que se garante mesmo é a manutenção dos privilégios de uma elite condutora, e que de concreto pouco ou nada traz de benfeitorias/construção de uma educação de qualidade em sua integralidade.

Desta forma, o autor continua explicitando que as propostas curriculares principalmente no tocante a Geografia que resultaram destas Leis refletem, como a educação de um modo geral, a instabilidade, a indefinição e a dúvida que passa a sociedade nesta virada de milênio, assim, as mudanças na base técnica do trabalho criaram nova demanda para educação. Dito isto, a Geografia sofre uma renovação determinada pelo próprio impacto da tecnologia que acarreta, procura por novos paradigmas voltados para outro projeto de homem e de sociedade. Assim, nem a visão descritiva terra/homem, nem a denúncia apenas e a inútil análise das aparências, mas a análise da essência, da segunda natureza que incorpora o resultado da ação e relações sociais – relações econômicas, políticas e suas práticas locais, regionais e mundiais (Pizzato, 2001).

3.1 Geografia nos anos iniciais

Segundo Cavalcanti (2002) a geografia escolar tem procurado pensar o seu papel nessa sociedade em mudanças, indicando novos conteúdos, reafirmando outros, reatualizando alguns outros, questionando métodos, postulando novos métodos. E assim cabe ao professor estimular o aluno a ter interesse em aprender a geografia onde se faz uma leitura de mundo a partir do contexto que vivência e que possibilite a criança construir neste contexto a sua consciência crítica e reflexiva. Desta forma, Vigotsky (2001; p. 241) refere sobre relevância que o “[...] desenvolvimento dos conceitos científicos na idade escolar é, antes de tudo, uma questão prática de imensa importância - talvez até primordial — do ponto de vista das tarefas que a escola tem diante de si quando inicia a criança no sistema de conceitos científicos”. Portanto, é fundamental no exercício da docência, se pensar na geografia para o desenvolvimento cognitivo da criança e desta forma propiciar a interação com proposta pedagógica a ser ensinada em consonância com realidade do aluno.

Percebe-se que a partida década 70 iniciou um movimento de renovação da Geografia passou a ser interpretativa, ou seja, crítica e reflexiva que instigar o aluno pensar sistematizar o conhecimento deixando o aluno de ser apenas um acumulador de conteúdo e sim tornando sujeito crítico. As condições de existência dos próprios alunos e seus familiares são ponto de partida e de sustentação que podem garantir a compreensão do espaço geográfico, dentro de um processo que vai do particular ao geral e retorna enriquecido ao particular (Stranforini, 2002; p. 98; apud Pontuschka, 1999).

Para Silva (2014):

[...] nesse processo, a criança deve ser um ser ativo e construtor da sua aprendizagem, e o professor deve mediar o conhecimento com base nas habilidades e capacidades das crianças, intensificando os seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social. É importante observa-se que a criança interage permanentemente em uma espacialidade e, ao ingressar na Educação Infantil, possui conhecimentos prévios que podem ser qualificados, melhorando com isso a maneira de entender o mundo, fazendo com que a Geografia seja uma ciência incontestável no acréscimo das crianças na Educação Infantil. (SILVA, 2014; p. 9).

Sendo assim, a Geografia é uma disciplina, cujo conteúdo é importante para desenvolvimento cognitivo da criança cabendo ao educador, criar possibilidade para que os alunos possam construir conceitos inerentes às questões geográficas, tais como o de espaço e tempo, além de leitura de mapas e outros aspectos importantes dessa área. Desta forma a autora explicita que a realidade, ou o lugar em que se vive, é o ponto de partida para se chegar à explicação dos fenômenos de forma que “por ele é mais fácil organizar as informações,

podendo-se teorizar, abstrair do concreto, na busca de explicações, de comparações e de extrapolações (CALLAI, 1998; p. 59)”.

Neste sentido, Vigotsky (2001) corrobora e acentua que essa ferramenta (uso do meio como exemplo) ajuda ao aluno a fixar melhor o aprendizado e dessa forma:

O tema do pensamento e da linguagem situa-se entre aquelas questões de psicologia em que aparece em primeiro plano a relação entre as diversas funções psicológicas, entre as diferentes modalidades de atividade da consciência. O ponto central de todo esse problema é, evidentemente, a relação entre o pensamento e a palavra. Todas as outras questões conexas são como que secundárias e logicamente subordinadas a essa questão central e primeira, sem cuja solução não se podem sequer colocar corretamente as questões subseqüentes e mais particulares. (VIGOTSKY, 2001; p. 1)

Assim, Kaercher (1998) fala sobre a necessidade de os professores incentivarem os seus alunos nas aulas de Geografia (e não só) a lerem, escreverem, de forma que já consigam (ou aprendam) expressar com suas palavras as compreensões do visto, vivenciado, aprendido, ou mesmo as dúvidas sobre os fatos de suas realidades, de forma a potencializar o aprendizado.

Segundo Castrogiovanni (2009) estudos demonstram que boa parte dos professores que trabalham nas séries iniciais do ensino fundamental não tiveram uma boa formação, ou seja, não foram alfabetizados em geografia. Portanto, nota-se que muitas crianças chegam na segunda etapa do ensino fundamental com múltiplas dificuldades, sem uma boa alfabetização geográfica e com muitas dificuldades para construir conhecimentos nesta área, contribuindo assim para dificultar a formação de conceitos em outras áreas na continuidade dos estudos.

Cavalcante (2002) chama atenção sobre o aspecto subjetivo do aluno:

Além de conteúdos estruturados a partir de desdobramentos de conceitos amplos da ciência a que corresponde a matéria de ensino, tem sido destacados também, em propostas curriculares, os conteúdos procedimentais e valorativos. Esse destaque deve-se ao entendimento geral de que o desenvolvimento do aluno na escola não se restringe à dimensão intelectual, mas inclui as dimensões física, afetiva, social, moral, ética. (CAVALCANTE, 2002; p. 15).

Estes sentidos sendo observados de forma sensível pelo professor, ele poderá otimizar no seu ensinamento, haja vista que, estará de encontro com a necessidade do aluno, e através da Geografia alçar mão de suas ferramentas, pois a mesma é uma ciência que têm o poder de transformar a sociedade e mudar certos paradigmas, pode ser também transformadora na vida dos que tem a sorte de encontrar um professor que tem seus sentidos voltados para encontrar a melhor forma de alcançar a subjetividade dos seus alunos e assim ajudá-lo a romper as barreiras de suas próprias vivências.

Nesse sentido, Vigostsky (2001) apud Piaget (1932) faz menção ao *pensamento egocêntrico infantil*:

“Procuramos”, diz Piaget, “resumir ao egocentrismo a maior parte dos traços característicos da lógica infantil”. Todos esses traços formam um complexo que determina a lógica infantil, e esse complexo tem por base o caráter egocêntrico do pensamento e da atividade da criança. Todas as outras peculiaridades do pensamento infantil decorrem dessa peculiaridade básica, cuja afirmação ou negação reforçam ou eliminam todos os outros fios com os quais a generalização teórica tenta apreender, conscientizar e unir em uma totalidade todos os demais traços da lógica infantil.

Assim, por exemplo, ao falar do sincretismo como uma das peculiaridades centrais do pensamento infantil, o autor diz que ele é o resultado direto do egocentrismo infantil (1, p. 389).

Desse modo, também nos cabe verificar, antes de mais nada, em que consiste esse caráter egocêntrico do pensamento infantil e que relação ele mantém com todas as demais peculiaridades que, no conjunto, constituem a originalidade qualitativa do pensamento da criança em comparação com o pensamento do adulto. (VIGOTSK, 2001; p. 27 apud PIAGET, 1932).

Para tanto, cabe ao professor ministrador da disciplina de Geografia (e não só) se ater a esta parte da subjetividade dos seus alunos para saber criar novas formas de abordagens/estratégicas na hora de transmitir o conhecimento, pois de acordo com Piaget (1932) o *pensamento egocêntrico* infantil como forma transitória de pensamento que, do ponto de vista genético, funcional e estrutural, está situado entre o pensamento autístico¹ e o pensamento inteligente dirigido. Contudo o mesmo acentua que, este é um estado intermediário passageiro, que forma um elo genético, é uma formação intermediária na história do desenvolvimento do pensamento. Desta forma, há a necessidade de estratégias mais elaboradas a cerca dos alunos, para se transpor este breve estado, e assim se construa um elo de aprendizagem para se obter o êxito, diante desta fase infantil no estudo da Geografia.

3.2 O Ensino de Geografia e a Pedagogia de Ensino

Observa-se que a Geografia leva o indivíduo ao exercício do pensar, refletir e, assim despertar o senso crítico. E, conseqüentemente, auxilia a construir uma visão crítica de mundo. Compreendemos que os conteúdos geográficos por si só não permitem essa formação crítica, essa é uma questão mais ampla e que envolve outros elementos. No entanto Cavalcante, (1998 p. 21) diz que:

Quanto aos aspectos pedagógico-didáticos das propostas de ensino de geografia, persiste a crença, explícita ou não, de que para ensinar bem basta o

¹ Piaget toma de empréstimo á psicanálise essa diferenciação entre pensamento inteligente ou dirigido e pensamento não dirigido, que E. Bleuler denominou pensamento autístico.

conhecimento do conteúdo da matéria focado criticamente. Ou seja, para que o ensino de geografia contribua para a formação de cidadão crítico e participativo bastaria que o professor se preocupasse em trabalhar em sala de aula com conteúdos críticos baseado em determinados fundamentos metodológico dessa ciência. (CAVALCANTE,1998 p. 21).

Observa-se que a Geografia na Unidade Escolar contribui tanto para o professor quanto para os estudantes. O campo educacional não é, e nem deve ser um ambiente neutro, pois produz e reproduz saberes e valores construídos socialmente. Em nosso contexto, apreendemos que a escola é muitas vezes, pouco ou nada comprometida com o Ensino de Geografia e com o exercício do pensar acerca da área física, biológica e humana do mundo e do próprio trabalho educativo da escola.

Neste sentido Silva (2014 apud Ribeiro e Marques 2001) explicita que:

O professor deverá utilizar estratégias diversificadas que envolvam as crianças desde cedo ao contato com a geografia, pois esta é permanente em todo o processo da vida dos indivíduos. Quando se fala em Geografia na Educação Infantil refletiram-se os questionamentos a cerca de como trabalhar com esta ciência de maneira atrativa para com os alunos. Cabe ao professor e a escola disponibilizar métodos adequados para o incentivo desse estudo, nesse aspecto, RIBEIRO & MARQUES (2001, p.38) estabelecem que “cabe à escola acompanhar a criança desde suas necessidades mais elementares promovendo sua socialização e também possibilitando à criança a aquisição dos primeiros conhecimentos sistematizados”. (SILVA, 2014; p. 3; apud RIBEIRO ; MARQUES, 2001; p. 38).

Pontua-se que os professores devem oportunizar o desenvolvimento do pensar crítico com as crianças. A opinião, ou seja, a reflexão das crianças facilita o seu aprendizado. Contudo, Kaercher (2003) deixa claro que os professores de Geografia não podem encher os estudantes de múltiplas informações, porque poderão ficar em vão e sobrecarregando as crianças, através disso só irão fortalecer o processo de decoreba. Desse modo, uma das melhores maneiras de trabalhar com as crianças é incentivando-as a construir seu próprio conhecimento, para que tenham uma educação mais empenhada e compromissada no combate da repetência e também da exclusão do indivíduo.

É notório que, com o avanço das tecnologias foi alcançado pelo professor, novas formas e mais modernas do mesmo ministrar suas aulas, neste sentido, hoje em dia, o professor de Geografia pode usar a mídia para explicitar suas aulas, porém, cabe a ele o fazer de forma dinâmica para que a participação da mesma seja eficaz, chamativa, e participativa onde o estudante se sinta estimulado em participar, não ocioso e desestimulado. “[...] A imprensa traz diariamente muitos assuntos que podem originar aulas mais participativas [...] (KAERCHER, 2003; p. 12)”.

A Geografia tem uma finalidade riquíssima, pois a sua intenção é entender a vida do homem, natureza, lugares, paisagens e entre outros, e expondo os significados desses vários assuntos. É importante deixar explícito que o docente tem que rejeitar os conteúdos, os dados, os conceitos e as informações que não vão somar para o conhecimento das crianças. Uma das melhores formas de se trabalhar é trazer para as explicações de sala as experiências vividas pelas crianças. O professor deve vincular as crianças com seu cotidiano, ou seja, com o mundo que elas vivem, só assim elas não terão tantas dificuldades em entender o que está sendo explicado.

Copetti, Callai (2003) apontam uma perspectiva importante para o trabalho docente com Geografia:

[...] Descartam-se os conteúdos preestabelecidos, transmissão mecânica de informações prontas e acabadas, conhecimentos estranhos a vida do aluno. A tarefa dos estudos sociais é propiciar o conhecimento e facilitar o entendimento da realidade que o aluno vive; partindo do conhecimento que ele possui, adquirido na escola ou mesmo anterior a ela. O trabalho do professor é sintonizar o aluno com o mundo, facilitando-lhe o acesso ao saber já produzido e a compreensão do processo social cotidianamente vivido. (COPETTI; CALLAI, 2003, p. 66).

É necessário apontar que nos anos iniciais do Ensino Fundamental é essencial os docentes trabalharem com a articulação entre o conteúdo estudado em sala e o cotidiano dos alunos. Os exemplos de articulação das aulas teóricas podem vir da própria realidade cotidiana dos alunos, isso serve para que os mesmos possam compreender e valorizar a importância da Geografia em seu dia-a-dia.

Neste sentido, Kaercher (2003) ressalta que:

A geografia é feita no dia-a-dia, seja através da construção de uma casa, da plantação de uma lavoura ou através das decisões governamentais ou dos grandes grupos econômicos (empresas transnacionais). Ou, ainda, em nossas andanças/ ações individuais pela cidade (pegar um ônibus, fazer compras, etc.). (KAERCHER, 2003, p. 15).

Sabemos que a Geografia pode acontecer no nosso cotidiano e de diversas formas, até mesmo da mais simples que seja ela. Kaercher (2003, p. 11) enfatiza que “a geografia existe desde sempre, e nós a fazemos diariamente. Devemos romper então com aquela visão de que a geografia é algo que só veremos em aula de geografia”. Assim sendo, nota-se que a Geografia permanece em nosso meio desde muitos tempos e a sua contribuição é unânime, nós seres humanos fazemos a Geografia cotidianamente. Cabe a cada um de nós desconstruirmos aquele olhar que só visualizamos e vivenciamos a Geografia no ambiente escolar.

De acordo com Callai (2003) o cidadão estuda a Geografia para apreciar o mundo e conseguir dados e conhecimentos que seja assunto para estudar a mesma. É compreendido também como um ambiente produzido pelo indivíduo.

Callai (2003) descreve que:

A geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento (...). (CALLAI, 2003; p.58).

Percebe-se que a Geografia que os estudantes aprendem necessita que os mesmos a compreendam de uma maneira participativa no processo ensino e aprendizagem. Os estudantes devem participar do que estudam, de maneira alguma podem ficar ausentes da sua pesquisa, pois com sua participação só tem a contribuir e a enriquecer seu estudo.

Para Cavalcante (1998) o objetivo de o professor lecionar ou ensinar a Geografia para os estudantes principalmente para crianças, é para contribuir na formação de seus entendimentos e percepções, sendo eles mais proferidos e enraizados sobre o ambiente e para que não fique algo solto. Neste sentido, vale refletir que os professores deveriam fazer o uso da Geografia nos anos iniciais como uma disciplina atraente, que tenha estudo no meio que acontece interdisciplinaridade, com as demais disciplinas que venha a ser conveniente para que as crianças tenham mais interesse em buscar, instigar, a aprender, por esta área do conhecimento.

Segundo Straforini (2008), por mais intencionada que sejam as práticas pedagógicas do professor, se elas não estiverem alicerçadas no conceito atual de lugar, espaço da globalização continuará ensinando o mundo distante da realidade do aluno. Sendo assim o docente deve refletir sobre a dificuldade em ensinar os conteúdos geográficos, e buscar viabilização de métodos didáticos e criativos, fazendo uso dos recursos tecnológicos como ferramenta para ensinar e faça com que ela deixe de ser vista como uma disciplina a mais na grade curricular, porém que, possa contribuir para formação emancipatória do aluno instigando a se tornar o sujeito crítico do seu cotidiano e do mundo que vive.

Quanto mais qualificado (formação continuada voltada para educação geográfica) do pedagogo do “geógrafo/educador” maiores serão possibilidades das escolas e da Geografia formar “pequenos/educandos” na perspectiva de conquistarem as suas próprias autonomias, no raciocínio espacial e conseqüentemente, tornarem cidadãos críticos e reflexivos, (RIGONATO, 2007; s/p), neste sentido sistematizar o ensino com suporte teórico na prática reflexiva do ensinar.

De acordo, com as leituras realizadas em relação o Ensino de Geografia para os anos iniciais do Ensino Fundamental, nota-se que um dos focos relacionados ao trabalho do professor, é a alfabetização.

Conforme Copetti, Callai (2003, p. 65) enfatizam que:

Nas séries iniciais do ensino fundamental a ênfase do trabalho docente é a alfabetização, na maioria das vezes compreendida como aquisição da leitura e da escrita, secundariamente o domínio das quatro operações – somar, diminuir, multiplicar e dividir. Muito raramente, de forma difusa e confusa, há lugar para estudos sociais. (COPETTI, CALLAI, 2003; p. 65).

O ensino de Geografia nas series dos anos iniciais do Ensino Fundamental deve ser tratado com a mesma importância que é concedida ao ensino, por exemplo, da leitura e escrita. Pois como já analisamos anteriormente, Ensino de Geografia ajuda a criança fazer suas próprias leituras acerca da sua realidade. A Geografia é a construção do saber das experiências do estudante no espaço escolar e do mundo em que vivem.

Kaercher (2003) afirma que:

Nosso desafio é buscar soluções para os problemas que enfrentamos na educação, na sala de aula, na escola. Sem o compromisso de refletir sobre nossa própria prática não creio ser possível crescer competência técnica e política. Estudar é fundamental. (KARCHER, 2003, p.143).

Nesse sentido, é importante o docente descobrir algo inovador que poderá transformar sua prática na sala de aula. E para que isso aconteça é preciso procurar avaliar as concepções que são desenvolvidas nos anos iniciais do Ensino Fundamental e os conteúdos que ainda serão desenvolvidos.

Reforçando sobre esse assunto, nota-se que o pensar geográfico ajuda nas idéias e no comportamento do estudante contribuindo para o mesmo ser sujeito do mundo, após situar os fatos, apreciar o meio em que habita, através da localidade regional até a mundial. Por isso que é fundamental o professor de Geografia trabalhar com seus alunos assuntos simples do seu próprio cotidiano. O saber geográfico é necessário no desenvolvimento e na concepção do cidadão que faz parte do contexto social.

Cavalcante (1998) aborda que a construção e reconstrução do raciocínio geográfico do estudante acontecem no âmbito escolar e no exterior da mesma. O ensino de Geografia carece beneficiar o estudante a abrangência do ambiente geográfico na sua materialidade e impossibilidade.

Pode-se perceber que a Geografia que as crianças estudam nos anos iniciais precisa deixar claro que essas mesmas crianças são participantes do espaço, permitindo o

conhecimento vivenciado no seu dia a dia. É essencial que os professores possibilitem aos alunos, desde as séries iniciais, a ampliar habilidades e desenvolvimentos, sobre o espaço vivido por eles próprios. Salienta-se que o ensino de geografia nos propicia um saber compreensivo da realidade. À medida que crescemos temos a necessidade de desenvolvermos nossas próprias percepções de mundo. Entretanto, apreciar espaços nos leva a ir além do nosso saber vivido, na procura da concepção de mundo.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental todas as tarefas desenvolvidas com a Geografia dependem não só do interesse e evolução das crianças, mas sim, da competência, disposição, interesse, habilidade, aptidão e capacidade do professor utilizar materiais e procedimentos em função do conteúdo que será estudado. O professor precisa estar preparado para expor e trabalhar conteúdos geográficos, com a construção de conhecimento básico, para que as crianças tenham noção do espaço em que as mesmas vivenciam, assim facilitará a sua compreensão. É essencial que os professores possam ensinar as crianças a desenvolver habilidades, noções espaciais e conceitos geográficos nos anos iniciais do Ensino fundamental.

É importante considerar que a disciplina de Geografia estudada nos anos iniciais do Ensino Fundamental precisa buscar ser mais significativa para as crianças, tendo a necessidade de relacionar o conhecimento teórico com o prático para promover o entendimento prático da realidade em que a criança está inserida. Neste sentido, a Geografia importante porque além de servir para educar o sujeito, contribui para transformar e compreender o seu meio social.

Dessa forma, o professor tem que proporcionar sempre ao aluno que o contexto escolar é um ambiente totalmente agradável e que ajuda na construção de saberes. Assim, o professor não pode deixar de lado a interdisciplinaridade, poder atuar de forma interdisciplinar só tem a enriquecer o conhecimento das crianças. A partir do momento em que o professor atua dessa maneira, ele abre caminho para que as crianças venham ter novos conhecimentos e por meio disso aumenta até seu interesse em querer aprender o que está exposto na sua realidade. Discorrendo acerca da interdisciplinaridade, Pontuschka (2007) destaca que:

A interdisciplinaridade pode criar novos saberes e favorecer uma aproximação maior com a realidade social mediante leituras diversificadas do espaço geográfico e de temas de grande interesse e necessidade para o Brasil e para o mundo. (PONTUSCHKA, 2007, p. 145).

O professor deve ser um bom pesquisador para poder transmitir, ou melhor, para poder despertar nas crianças a vontade de querer pesquisar mais e mais. Uma maneira excelente de o professor trabalhar no ensino de geografia com as crianças é poder não fugir da realidade do mesmo. Estudar o contexto social do estudante é de extrema relevância para a construção de saberes. Estudar o espaço em que o estudante está inserido, que é o seu cotidiano pode despertar a reflexão e o conhecimento do próprio.

A partir deste entendimento, podemos dizer que o cotidiano está cheio de significados relevantes e passa a desempenhar uma função importante na construção do sujeito crítico e consciente, favorecendo uma leitura completa do fenômeno.

Pois, de acordo com Pontuschka (2007):

O estudo do meio, além de ser interdisciplinar, permite que aluno e professor se embrenhem num processo de pesquisa. Mais importante do que dar conta de um rol de conteúdos extremamente longo, sem relação com a vivência do aluno e com aquilo que ele já detém como conhecimento primeiro, é saber como esses conteúdos são produzidos. (PONTUSCHKA, 2007; p. 173).

Assim, estudar algo do contexto social no qual o aluno está inserido é de extrema importância para construção de conhecimento significativo. Já que, de fato, estudar o meio é o mesmo que estudar algo que o próprio aluno vivencia no seu cotidiano. O aprendizado sobre algo da experiência pode despertar a reflexão e, conseqüentemente, o conhecimento que não se encontra, por exemplo, nos livros didáticos usados em sala de aula.

Como foi mencionado anteriormente sobre a interdisciplinaridade, estudar o meio em que a criança vive está relacionado ao interdisciplinar porque faz com que a criança e o professor introduzam-se na técnica de pesquisa. Pois, o caráter interdisciplinar necessita ser exercitada no âmbito da sala de aula. Cabe apontar que “[...] a atitude interdisciplinar precisa ser estimulada na escola, para auxiliar no entendimento do mundo e da realidade contraditória vivida pela sociedade [...] (PONTUSCHKA, 2007, p. 148)”.

Callai, (2009) afirma que:

Muitas das vezes sabemos coisa do mundo, admiramos paisagens maravilhosas, nos deslumbramos por cidades distantes, temos informações de acontecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares que nos impressiona, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar em que vivemos. (CALLAI, 2009; p. 83).

Isto significa dizer que, antes de conhecermos outros lugares, faz-se necessário ter o conhecimento do nosso próprio meio de convivência. Essa postura contribui para a construção

do pensamento e posição crítica em relação aos acontecimentos ambientais que rodeiam o cotidiano dos alunos.

Contudo, é importante frisar que para realizar o estudo do meio é necessário que o professor seja “pesquisador de sua prática, de seu espaço, de sua história, da vida de sua gente, de seus alunos (PONTUSCHKA 2007, p.175)”. Nesse contexto, é preciso que o professor mantenha um compromisso com sua prática, uma vez que para o desenvolvimento desse tipo de trabalho aqui explicitado, é necessária a postura de pesquisa do meio.

Para Castrogiovanni (2009) a aproximação das escolas com a vida dos alunos é pouquíssima, é distante da realidade dos mesmos. Mas, deve ser diferente, para o aluno melhor compreender tal conteúdo é necessário trabalhar de acordo com seu cotidiano, para que ele venha compreender o que o conteúdo quer transmitir. O mesmo ressalta também que a escola não se demonstra fascinante frente o meio atual, não consegue esclarecer e interpretar leitura de vida. Dessa forma, sabemos que a vida fora do ambiente escolar é rodeada de surpresas, sentimentos, gostos e fantasias, assim, como pretendem ser as ciências. Além disso, o próprio ressalta que nos anos iniciais o professor deve atuar com a intenção de alfabetizar as crianças e através da sua atuação tem que valorizar o espaço e o tempo vivenciado pela criança, e estas são dimensões importantes do saber geográfico.

O professor tem que estar atento para ajudar o aluno a se achar, se nortear e também poder representar o seu meio social, habilitando o aluno a perceber o espaço no qual vive. Diante disto, precisamos ensinar nossos alunos a perceberem as informações do espaço geográfico, para eles poderem construir suas próprias idéias e depois fazerem suas leituras de mundo acerca da sua realidade concreta. O professor deve atuar adequadamente podendo valorizar, conhecer e representar o espaço vivido pelo seu aluno sabemos que não é um exercício fácil, mas, é fundamental, principalmente quando o estudo é concretizado pelos dois, professor-aluno.

Após um passeio com os alunos, o professor pode pedir aos mesmos que descrevam o que observaram ao longo da trajetória. Logo após, pode solicitar, por exemplo, a construção de maquete representando as degradações do lugar visitado. Isso é importante, pois de acordo com Castrogiovanni, (2009, p. 79) “No ensino da geografia o local e o global formam uma totalidade. A partir das representações dos lugares, o aluno forma o ideário que envolve a totalidade indissociável do espaço geográfico”.

Pontuschka, (2007) enfatiza que:

A Geografia pode embasar-se na experiência dos alunos no interior de seu grupo social e desenvolver uma prática pedagógica que, partindo da realidade local e

levando a visão obtida para o interior da escola, estude os problemas e possibilidades dessa realidade a luz das várias disciplinas escolares, para entender a relação entre seus elementos e proporcionar o conhecimento sobre ela em perspectivas mais amplas e profundas. O conhecimento disciplinar da Geografia, pondo-se a disposição de um projeto de ensino ou de um objetivo maior, articulando interdisciplinarmente, chega a um entendimento enriquecido daquela realidade complexa e contraditória. (PONTUSCHKA, 2007; p. 165).

Assim, é possível afirmar que a geografia pode ser fundamentada na própria vivência dos alunos. Através dessa vivência amplia um aprendizado voltado para a realidade dos mesmos. Por isso que vincular as outras disciplinas com a geografia ajuda e enriquece no processo da aprendizagem. O estudo geográfico contribui para a reflexão do ambiente onde o aluno está inserido e também permite ter uma análise de todos os acontecimentos atuais no ambiente.

Quando o estudo vem do próprio convívio do aluno, ajuda na sua própria leitura e interpretação do seu meio social, para isto o professor de geografia (pedagogo) tem que analisar e refletir bem a respeito da metodologia eficaz para um excelente desenvolvimento do conteúdo a ser trabalhado, de forma que através de leitura realizada permitirá um entendimento e um olhar maior voltado a atuação com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, pois requer um exercício mais aprofundado tanto para o aluno quanto para o professor. Neste sentido, pode-se dizer que o âmbito escolar precisa propiciar ao aluno a probabilidade de compreender e alcançar o mundo em que está inserido.

A geografia estudada pelas crianças deve oportunizar que elas percebam que estão envolvidas no meio social, dando também a oportunidade de ter conhecimento adquirido no seu próprio cotidiano, dessa forma os alunos têm que se adequar relativo às concepções dos conteúdos, sendo mais crítico, ativo e podendo ter envolvimento com a educação de maneira produtiva e criativa do dia a dia. Um fato destacável é que a geografia ajuda de forma significativa favorecendo a interpretação e leitura e de varias formas preparando para viver melhor na sociedade.

Conforme Castrogiovanni (2009):

A contemporaneidade na análise, compreensão e representação do espaço, tempo e sociedade é fundamental na escola ao tecermos a aproximação do teórico/acadêmico com a reflexão do cotidiano vivenciado pelo estudante. Os valores do educador, entretanto, nem sempre são os mesmos do aluno [...]. (CASTROGIOVANNI, 2009; p. 14).

É evidentemente que os conteúdos do ensino de geografia são de extrema importância na escola, principalmente quando são trabalhadas as duas coisas, a teoria e a prática e sempre

abordando o cotidiano. Os professores têm que por em mente que sua realidade é totalmente diferente da realidade das crianças, pois eles devem dar mais atenção para o contexto social dos alunos do que para os seus próprios.

Cavalcanti, (2002, p. 78) afirma que: “Os conteúdos de Geografia devem ser vistos como parte dos instrumentos que podem contribuir para a qualificação necessária as práticas sociais, as práticas socioespaciais, a participação do aluno na sociedade contemporânea (...)”. Nesse sentido, os conteúdos relacionados ao Ensino de Geografia têm que ser visualizados como uma ferramenta fundamental que tem a capacidade de ajudar na designação da prática social e socioespaciais, não deixando de frisar também o envolvimento das pessoas no mundo moderno.

Para Cavalcanti (2002) é relevante que o educador tenha consideração e apreço pelo conhecimento do aluno, ou seja, o professor tem que respeitar e dar ouvido ao que eles pensam, desejam e reconhecem, as experiências vívidas pelo aluno no seu dia a dia é uma ferramenta eficaz para serem conferidos com o conhecimento geográfico mais amplo, ou melhor, sistematizado.

Existem diversas formas do professor de geografia trabalhar com as crianças, uns dos procedimentos adequados são: trabalhar com imagens; painel; fazer atividades concretas, onde as crianças possam criar; leituras de textos, mas sendo trabalhada de forma dinâmica; apresentação de mapas e fotos para que venha ficar bem explícito para os mesmas; o ambiente tem que chamar a atenção do aluno, para despertar o interesse; interpretação de textos; análise; estudo do meio; debates e dentre outros procedimentos.

Vale acrescentar que os professores dos anos iniciais do ensino fundamental tem que estar no mínimo bem informados para ministrarem as aulas da disciplina de geografia. Sabemos que muitas crianças não dão importância para o ensino de geografia e isso acontece por causa das dificuldades que os professores enfrentam. É necessário os mesmos aderirem uma nova maneira de trabalhar para que venha chamar a atenção das crianças. É necessário que desde os primeiros anos de estudos, o ensino de geografia pode e tem que ter finalidade de deixar exposto ao estudante que a cidadania supõe ter relação com o contexto social, a sociedade e a natureza.

Dessa forma, é viável destacar que desde o início do estudo das crianças, ou seja, desde o primeiro ano do ensino fundamental, já pode atuar uma geografia que seja possível construir cidadãos críticos e formar opinião política do seu cotidiano porque trabalhar assim desde o principio desenvolve e abre novos caminhos para as crianças. Contudo, deveremos admitir a relevância que o ensino de geografia tem. A geografia proporciona ao aluno um

diálogo com o meio, ou melhor, o espaço geográfico estabelecendo a oportunidade de compreender diversas situações e contradições.

De acordo com Cavalcanti (2002) a observação também é importante na geografia, a mesma ressalta que:

(...) a possibilidade de observação direta está condicionada a natureza do tema estudado e as condições de trabalho na escola. É uma atividade que pode ser feita em grupo, nos momentos de aula, com o acompanhamento do professor – por exemplo, num passeio pelas imediações da escola; ou individualmente, como atividade extra-classe, por exemplos observações de paisagens feitas pelos alunos no trajeto da casa a escola. (CAVALCANTI, 2002; p. 81).

Nota-se que a observação no ensino de geografia tem sua relevância. Um dos procedimentos a serem trabalhados, no coletivo ou individualmente, pode ser no âmbito da sala de aula tendo a mediação do educador, ou não. O professor pode solicitar aos alunos a fazerem uma observação na escola, no caminho de casa, na natureza, fica ao critério do professor. O interessante de tudo isso é que as crianças podem desenvolver diversos tipos de leituras acerca do mundo, a partir de uma experiência de observação bem conduzida na sala de aula.

Segundo Cavalcanti (2002) para um tema do ensino de geografia ser realmente um tema importante ele deve ser problematizado, e pode ser escolhido pelo professor ou pelo próprio aluno, o que importa nesse caso é que o problema seja de todos no grupo. Nesse sentido, sobre a contribuição do ensino de Geografia, Callai (2009, p. 93) destaca que:

O conteúdo da geografia é o material necessário para que o aluno construa o seu conhecimento, aprenda a pensar. Aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do professor, de outros interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos da geografia, significa “uma consciência espacial” das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que se tratava no mundo. (CALLAI, 2009, p. 93)

Dessa forma, o pensamento geográfico contribui para a reflexão do espaço geográfico, bem como possibilita uma análise de todos os fenômenos presentes nesse espaço. Cabe ao professor “auxiliar o aluno na organização no sentido de entendimento sobre como tais processos naturais e fenômenos atingem a vida das pessoas (CALLAI, 2009, p. 101)”.

É importante atentar que para Callai (2009) um dos maiores assuntos no ensino de geografia é o que fazer com diversas informações voltadas a cada conteúdo. O âmbito educacional não é o espaço de informações, mas sim a procura de estabelecer e formar

informações, isso relacionado a construção de saberes. Com isso, o professor tem que ajudar os alunos a estabelecer conhecimento e a participação acerca dos conteúdos trabalhados.

Vale frisar que para Kaercher (2009) é essencial que o professor esteja a disposição do aluno, podendo ouvir, levar aos debates, fazer provocações, estabelecer temas novos, para que os estudantes possam participar de forma ativa. O professor contribui também aprofundando nas discussões. Esta maneira de atuar é uma provocação e uma sugestão de levar vários materiais, textos atualizados, tirar dúvidas, solicitar ao aluno a repetir ou então esclarecer o dialogo e dentre outros.

3.3 Alfabetização cartográfica nos anos iniciais

O ensino da Cartografia é de muita relevância para o ser, tendo em vista que o mesmo dá noção do espaço ocupado transformado ou não pelo homem. Assim, é de grande importância se faça presente logo no inicio escolar da criança. Assim de acordo com Rocha (2010):

A introdução da criança ao ensino da cartografia inicia-se nas séries iniciais, aonde a mesma vai aprendendo as bases do sistema de coordenadas, seguindo assim o processo de aprendizado aonde o conhecimento vai sendo passado de acordo com a evolução de seu aprendizado no processo de ensino. Os conhecimentos que o educando traz consigo do meio social de convívio, podem ser utilizados para o aprimoramento do conhecimento e melhor aprendizado. O aprendizado acontece de maneira que a criança vai descobrindo seu mundo e o mundo ao seu redor. A partir daí a criança vai descobrindo as maneiras de visualizar e reconhecer o mundo a que ela pertence, comorepresentá-lo e se locomover nele. Nesse processo, aprender a reproduzir seu mundo através de maquetes e desenhos, contribui para a assimilação do conhecimento. (ROCHA 2010, s/p).

De forma que, quando a criança é bem assessorada/ensinada sobre a cartografia logo nos anos iniciais de sua vida escolar, isso se desdobrará em facilidades quando ela galgar outros fundamentos e novos patamares escolares (ao longo de sua vida). De acordo com Almeida (2007) a evolução da noção do espaço na criança parece reproduzir as etapas essenciais da construção matemática em que as estruturas topológicas são as mais fundamentais e as quais se prendem as estruturas projetivas.

De acordo com Almeida e Passini (1994):

O espaço vivido [...] e vivenciado através do movimento e do deslocamento é apreendido pela criança através de brincadeiras ou de outras formas ao percorre-lo, delimita-lo ou organiza-lo segundo seus interesses, daí a importância de exercícios rítmicos e psicomotores para que ela explore com o próprio corpo as dimensões e relações espaciais. (ALMEIDA; PASSINI, 1994, p. 26).

Nesse sentido, a autora aponta sobre as relevantes pesquisas de Piaget (1970), feitas no campo da subjetividade do ser, no quesito aprendizagem e como esta se processa nas diversas etapas de vida do ser humano. Assim, através de muitos estudos Piaget, chegou a um consenso formando as teorias que em suma diz: que a inteligência se desenvolve por etapas que ele subdividiu em quatro. As mesmas têm início na vida orgânica (bebês e suas necessidades apenas de alimentação e condições “meramente” biológicas) até alcançar o conhecimento lógico matemático, ou seja, quando o ser começa a pensar de forma mais organizada com a capacidade de escolher um assunto e focar-se nele com um intuito. De certa forma, passando a controlar mais o pensamento e dar sentido aos mesmos.

Para Almeida (2014) apud Piaget (1970) vejamos como organiza essas teses em relação à construção do espaço:

- A) A ação, mais que a percepção, constitui o veículo essencial do progresso evolutivo na construção do espaço. Piaget enfatiza esse aspecto em relação ao espaço, pela grande tentação que se tem em conceber o espaço dado nas experiências, como algo oferecido imediatamente pela percepção. O conhecimento de um objeto, diz Piaget, consiste em construir e reconstruir o espaço através da ação ou operações a que o sujeito submete o objeto e nas transformações necessárias a sua construção [...];
- B) As representações espaciais formam-se através da organização das ações, realizadas como os objetos no espaço: inicialmente pelas ações motoras e, mais tarde, pelas ações que se convertem em sistemas operacionais. Isso significa que a representação adulta do espaço resulta de manipulações ativas sobre o meio social e não da “leitura” imediata desse meio, realizada pelo aparelho perceptivo;
- C) A diferença entre a ordem ontogenética e histórica na construção dos conceitos topológicos, projetivos e euclidianos. (ALMEIDA, 2014, p. 47 apud PIAGET, 1970).

Desta forma, a autora nos apresenta as quatro etapas da construção do espaço embasadas nas teses supracitadas de Piaget. O autor vai especificar como se faz o processamento dos ensinamentos recebidos em cada estágio (etapa) de desenvolvimento da pessoa, vejamos:

- 1º estágio: de 0 a 2 anos – fase do *período sensório motor*;
- 2º estágio: de 2 anos em diante - fase de *aprimoramento dos sensório motor*;
- 3º estágio: de 7, 8 a 11 e 12 anos – fase das *operações concretas*;
- 4º estágio: a partir dos 11 e 12 anos – *coordenações operatórias*.

Almeida (2014) observa que os estudos de Piaget chega à conclusão que são as estruturas topológicas as mais importantes, haja vista as mesmas serem as primeiras a se constituírem na forma mental subjetiva da criança. Portanto, Piaget em suas observações metodológicas classificou as etapas do ser humano, onde as mesmas se fazem de forma progressiva, mas que, nos anos iniciais o ser é movido de forma muito estruturada pelo intuitivo que se seguirá pelo senso- motor que é alimentado pelas atividades de percepção da criança. E com o passar da faixa etária, vai se aprimorando e passando a ter uma forma mais aprofundada das especificidades do mundo, do lugar e espaço ocupado.

Usando de forma matemática/topográfica (mesmo que não consciente do fenômeno), as situações de forma a se coordenar melhor. Observa-se que é como se de acordo com o passar do tempo e das vivências e experiências, o cérebro vai se aprimorando com os vários mapas construídos por toda a existência até ali, favorecendo o seu intelecto, modo de vida, relações e interpelações pessoais e em todos os sentidos da vida da pessoa. Fazendo com que muitas coisas sejam feitas de forma automática, ou seja, sem um prévio planejamento (referente ao intelecto subjetivo das ações diárias). Para tanto, segundo Rosa (2008, p. 38) “[...] a educação geográfica cumpre um dever fundamental ligado ao bem estar individual, face às própria exigências sociais em determinado espaço da superfície terrestre”.

Portanto segundo Almeida e Passini (1994):

[...] o professor deve exercer um trabalho de estruturação do espaço, pois a criança tem uma visão sintética do mundo. Para ela os objetos e o espaço que eles ocupam são indissociáveis. A posição de cada objeto é dada em função do *todo* no qual ela se insere. E a criança percebe esse todo e não cada parte distintamente. Por esse motivo para crianças pequenas (até aproximadamente de seis anos), a localização e o deslocamento de elementos são definidos a partir de referenciais dela, quer dizer, de sua própria posição. (ALMEIDA, PASSINI, 1994, p. 27).

Neste sentido, Rosa (2008) explicita sobre a imensa importância de o professor ser bem formado e ter domínio para saber repassar este ensinamento, pois segundo ela o ensino fundamental tem sido deficiente relativo aos conteúdos geográficos, não tem sido satisfatórios seus conteúdos, de forma que não é suficiente para o que o profissional precisa para se pautar na hora de sua prática escolar.

E isto tem gerado segundo a mesma, uma busca inquietante de especializações e novas técnicas por parte dos professores, com o intuito de aperfeiçoar os ensinamentos de cartografia. Assim, a busca de novos caminhos para a formação de professores que atuam na primeira fase das séries é primordial para as transformações no cenário atual do ensino em nossas escolas (ROSA, 2008, s/p).

Entretanto a autora observa sobre os entraves na prática do ensino:

De fato, ensinar as noções espaciais (alfabetização cartográfica) para as crianças torna-se um desafio para a disciplina de Geografia, que visa contribuir para a formação da cidadania através da prática de construção e reconstrução de habilidades e conhecimentos que ampliam cada vez mais a capacidade das crianças compreenderem o mundo e a escola dentro de um espaço aberto e vivo de culturas. (ROSA, 2008, p. 38).

Contudo os professores devem articular estratégias para que em suas aulas, o aluno observe o universo ao seu redor (político, social) e use o seu universo pessoal (vivências familiares, amigos, escola), como base de análises críticas como forma de compreensão do visto e vivenciado, neste sentido, construa ou reconceitue – se em novas bases de paradigmas. Estes, que dantes não eram observados, mas, que nas aulas de Cartografia vão ser fomentados a serem conscientizados e considerados. E que de acordo com Almeida e Passini (1994), é de responsabilidade do professor introduzir a linguagem da cartografia e através das técnicas pedagógicas, levar o aluno a interação maior na estruturação e extensão do espaço em nível de sua compreensão e representação, usando como ferramenta a representação gráfica, a qual se envolverá na linguagem da própria cartografia.

Dentro dessas abordagens o PCN-G, orienta:

- O professor deve também considerar as ideias que seus alunos têm sobre a representação do espaço. As crianças sabem fazer coisas como descrever os trajetos que percorrem, organizar um cômodo com seus móveis, ou desenhar um “mapa do tesouro”, entre outras. A partir desse tipo de conhecimento, o professor pode pensar em problematizações que explicitem a necessidade de se representar o espaço e, ao fazê-lo, novas exigências poderão se evidenciar: criar legendas, manter algum tipo de proporcionalidade, respeitar um sistema de projeção, esclarecer orientação, direção e distância entre os fatos representados. Também, ao fazer a leitura de mapas, deve-se considerar que os alunos são capazes de deduzir muitas informações, principalmente se a leitura estiver contextualizada e eles estiverem em busca de alguma informação. Por exemplo, ler um mapa físico da região em que vivem e tentar descobrir quais são os lugares mais altos, mais baixos, planos ou não planos a partir do conhecimento que têm sobre o lugar e da interpretação das legendas. (BRASIL –PCN-G, 1997, s/p).

Assim, a própria sociedade em seus desdobramentos históricos e atuais, é fonte inesgotável de ferramentas aos professores para ações subjetivas e práticas nas aulas de cartografias, que podem e devem ser utilizadas pelos professores, até como fonte de entendimentos dos acontecimentos na vida do próprio aluno em cunho social e familiar. Que levam a desdobramentos críticos, onde os mesmos passam ver-se de forma diferente do que a situação sumariamente apresentada antes da grande contribuição e formação que as aulas de Geografia e cartografia têm a capacidade e grandiosidade de oferecer. Portanto, a cartografia

pode ser grande transformadora das relações sociais, em mudanças significativas sociais e afins, tamanho seu potencial quando empregado com amor e dedicação dos professores.

3.4 O Parâmetro Curricular Nacional De Geografia(PCN) – Séries Iniciais (Anos Iniciais)

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* são documentos criados com o intuito de expandir as discussões em âmbito educacional no Brasil, ajudando docentes e discentes na construção de uma educação mais prospectiva e unificada. Ressalta-se que o mesmo é amparado pela Constituição Brasileira, e tem princípios de fomentar as questões educacionais do país, com o sentido de galgar melhorias nas problemáticas da educação.

De acordo com Silva e Severo (2015) os conteúdos propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais organizam-se em quatro ciclos para duas séries cada um, isto no ensino fundamental, com o fim de não desintegrar os conteúdos e objetivos propostos, além de permitir que os alunos possam estar mais habilitados a alcançá-los. Os mesmos permitem uma avaliação mais criteriosa da aprendizagem no país, além de servirem de instrumento para aprimoramento e unificação da educação nacional. Dessa forma, é de extrema importância que se construa de forma prospectiva, uma educação de qualidade para todos.

Assim, o PCN referente aos estudantes do *Primeiro Ciclo*, tem entre seus objetivos:

- Reconhecer na paisagem local e no lugar em que se encontram inseridos, as diferentes manifestações da natureza e a apropriação e transformação dela pela ação de sua coletividade, de seu grupo social;
- Conhecer e comparar a presença da natureza, expressa na paisagem local, com as manifestações da natureza presentes em outras paisagens;
- Reconhecer semelhanças e diferenças nos modos que diferentes grupos sociais se apropriam da natureza e a transformam, identificando suas determinações nas relações de trabalho, nos hábitos cotidianos, nas formas de se expressar e no lazer;
- Conhecer e começar a utilizar fontes de informação escritas e imagéticas utilizando, para tanto, alguns procedimentos básicos;
- saber utilizar a observação e a descrição na leitura direta ou indireta da paisagem, sobretudo por meio de ilustrações e da linguagem oral;
- Reconhecer, no seu cotidiano, os referenciais espaciais de localização, orientação e distância de modo a deslocar-se com autonomia e representar os lugares onde vivem e se relacionam;
- Reconhecer a importância de uma atitude responsável de cuidado com o meio em que vivem, evitando o desperdício e percebendo os cuidados que se deve ter na preservação e na manutenção da natureza. (BRASIL –PCN-G, 1997, p. 89).

Portanto, é de fundamental importância que o professor conheça quais são as ideias e os conhecimentos que seus alunos possuem relativo ao lugar em que vivem, bem como, sobre outros lugares e a relação entre eles, procurando assim um ponto de ligação, que pode e devera de forma lúdica ser usado como forma de ensinamento didático. Afinal, mesmo que ainda não tenham tido contato com o conhecimento geográfico de forma organizada, os alunos são portadores de muitas informações e ideias sobre o meio em que estão inseridos e sobre o mundo, têm acesso ao conhecimento produzido por seus familiares e pessoas próximas e, muitas vezes, às informações veiculadas pelos meios de comunicação, de forma que o espaço já é conhecido, bastando ao professor inserir a teoria dentro da prática do aluno.

É importante ressaltar que:

[...] esse ciclo é, na maioria das vezes, o momento de ingresso da criança na escola. Ensinar os alunos a ler uma imagem, a observar uma paisagem ou ainda a ler um texto — mesmo que a leitura não seja realizada diretamente por eles — para pesquisar e obter informações faz parte do trabalho do professor desse ciclo. Do mesmo modo, cabe a ele estimular e intermediar discussões entre os próprios alunos, para que possam aprender a compartilhar seus conhecimentos, elaborar perguntas, confrontar suas opiniões, ouvir seus semelhantes e se posicionar diante do grupo. Assim, mesmo os alunos estando em processo de alfabetização³, fontes escritas devem estar presentes nos estudos realizados, da mesma forma que o conhecimento construído expresso por meio de textos. Propor que os alunos registrem por escrito, individual ou coletivamente, aquilo que observaram ou aprenderam é uma maneira de aproximá-los de procedimentos essenciais — ler e escrever — não apenas para o campo da Geografia, mas também para o desenvolvimento de procedimentos importantes na vida de todo estudante. (BRASIL, PCN-G, 1997).

Em relação ao **Segundo ciclo**, o professor deve usar como forma didática as relações entre as cidades e o campo em suas dimensões social, de forma a abranger a cultura, o ambiente e a considerar o papel do trabalho, da tecnologia, informação, comunicação entre outros. Com o intuito de que os alunos construam conhecimentos a respeito das categorias de paisagem urbana e paisagem rural, como foram constituídas ao longo do tempo e ainda o são, e como sintetizam múltiplos espaços geográficos.

Nesse sentido, observa-se a necessidade de promover situações nas quais os alunos percebam e compreendam a tecnologia em seu próprio cotidiano (mais uma forma de abordagem), pela observação e comparação da presença dela em seu meio familiar e em seu dia-a-dia de forma geral. Os instrumentos, os modos de fazer, as tecnologias que os alunos conhecem e/ou dominam podem gerar temas de estudo, bem como, as vivências diretas ou indiretas que possuem com o mundo do trabalho, compartilhadas a fim de, ampliar seus conhecimentos sobre o seu papel na estruturação do espaço, do tempo e da sociedade da qual fazem parte integrante.

Dentre os objetivos do *Segundo Ciclo* estão:

- Reconhecer e comparar o papel da sociedade e da natureza na construção de diferentes paisagens urbanas e rurais brasileiras;
- Reconhecer semelhanças e diferenças entre os modos de vida das cidades e do campo, relativas ao trabalho, às construções e moradias, aos hábitos cotidianos, às expressões de lazer e de cultura;
- Reconhecer, no lugar no qual se encontram inseridos, as relações existentes entre o mundo urbano e o mundo rural, bem como as relações que sua coletividade estabelece com coletividades de outros lugares e regiões, focando tanto o presente e como o passado;
- Conhecer e compreender algumas das conseqüências das transformações da natureza causadas pelas ações humanas, presentes na paisagem local e em paisagens urbanas e rurais;
- Reconhecer o papel das tecnologias, da informação, da comunicação e dos transportes na configuração de paisagens urbanas e rurais e na estruturação da vida em sociedade;
- Saber utilizar os procedimentos básicos de observação, descrição, registro, comparação, análise e síntese na coleta e tratamento da informação, seja mediante fontes escritas ou imagéticas;
- Utilizar a linguagem cartográfica para representar e interpretar informações em linguagem cartográfica, observando a necessidade de indicações de direção, distância, orientação e proporção para garantir a legibilidade da informação;
- Valorizar o uso refletido da técnica e da tecnologia em prol da preservação e conservação do meio ambiente e da manutenção da qualidade de vida;
- Adotar uma atitude responsável em relação ao meio ambiente, reivindicando, quando possível, o direito de todos a uma vida plena num ambiente preservado e saudável;
- Conhecer e valorizar os modos de vida de diferentes grupos sociais, como se relacionam e constituem o espaço e a paisagem no qual se encontram inseridos. (BRASIL –PCN-G, 1997, p. 95, 96).

Assim, sabe-se que a disciplina de Geografia colabora para o desenvolvimento do sujeito crítico, que sejam capazes de envolver e que formam opiniões. Contudo, o documento *Parâmetro Curricular Nacional de Geografia-PCNS* (2001) deixa claro que na década de 1940 a disciplina de Geografia passou a ser lecionada por professores especializados, ou seja, licenciados. Dessa forma, as técnicas utilizadas naquele período solicitavam a definição e a memorização das informações que ajeitam as paisagens e não tendo a compreensão de aguardar os estudantes a constituírem afinidades ou semelhanças, porém, a sua intenção era de trabalhar com a geografia tradicional.

Silva (2014) pontua:

É compreendido que mediante as estratégias didáticas bem desenvolvidas pelo educador em relação ao ensino da Geografia, podem influenciar de forma significativa o incremento de capacidades e habilidades necessárias para que a criança se torne um adulto com condições físicas, psicológicas, motoras, afetivas e sociais para viver em sociedade. Sendo assim, o professor tem um papel fundamental na aquisição significativa do processo de ensino aprendizagem das crianças. (SILVA, 2014; p. 9).

Entretanto, de acordo com as observações feitas no PCN de Geografia (1997), as sucessivas mudanças e debates em torno do objeto e método da Geografia como ciência, presentes no meio acadêmico, tiveram repercussões diversas no ensino fundamental. Positivas de certa forma visto que foram um estímulo para a inovação e a produção de novos modelos didáticos. Todavia, de certa forma, negativas, visto que a rápida incorporação das mudanças produzidas pelo meio acadêmico provocou a produção de inúmeras propostas didáticas, descartadas a cada inovação conceitual e, principalmente, sem que existissem ações concretas para que realmente atingissem o professor em sala de aula, sobretudo o professor das séries iniciais que, sem apoio técnico e teórico, faz com que os professores desta disciplina se ancoram apenas na descrição dos fatos e nos livros didáticos que nem sempre dão conta do conteúdo da Geografia em suas frentes conceituais.

Neste sentido, o mesmo faz referência a uma análise feita pela Fundação Carlos Chagas, observa-se que nas propostas de curriculares de Geografia das últimas décadas, são visualizados inúmeros problemas tanto no quesito epistemológico como em pressupostos teóricos como por exemplo na escolha do material dos conteúdos, dentre eles estão:

- abandono de conteúdos fundamentais da Geografia, tais como as categorias de nação, território, lugar, paisagem e até mesmo de espaço geográfico, bem como do estudo dos elementos físicos e biológicos que se encontram aí presentes;
- são comuns modismos que buscam sensibilizar os alunos para temáticas mais atuais, sem uma preocupação real de promover uma compreensão dos múltiplos fatores que delas são causas ou decorrências, o que provoca um “envelhecimento” rápido dos conteúdos. Um exemplo é a adaptação forçada das questões ambientais em currículos e livros didáticos que ainda preservam um discurso da Geografia Tradicional e não têm como objetivo uma compreensão processual e crítica dessas questões, vindo a se transformar na aprendizagem de *slogans*;
- há uma preocupação maior com conteúdos conceituais do que com conteúdos procedimentais. O objetivo do ensino fica restrito, assim, à aprendizagem de fenômenos e conceitos, desconsiderando a aprendizagem de procedimentos fundamentais para a compreensão dos métodos e explicações com os quais a própria Geografia trabalha;
- as propostas pedagógicas separam a Geografia humana da Geografia física em relação àquilo que deve ser apreendido como conteúdo específico: ou a abordagem é essencialmente social e a natureza é um apêndice, um
- recurso natural, ou então se trabalha a gênese dos fenômenos naturais de forma pura, analisando suas leis, em detrimento da possibilidade exclusiva da Geografia de interpretar os fenômenos numa abordagem socioambiental; (BRASIL, PCN, 1997, p. 73).

Dito isto, a Geografia tem muito a oferecer, contudo, se o professor não tiver o domínio do arcabouço teórico metodológico da mesma, o ensino será ineficiente não alcançado o que predetermina nos parâmetros curriculares. Neste sentido sem o domínio das categorias, conceitos e os procedimentos básicos, nos quais este campo do conhecimento opera e constituem suas teorias e explicações, o conhecimento não estará se fazendo e muito

menos repassado, pelo menos não da forma que deveria. Para tanto, o livro didático deve ser visto apenas como mais uma ferramenta a ser usada e que não é ali que a didática termina e muito menos o conhecimento dessa ciência.

Para tanto, o estudo da sociedade e da natureza deve ser realizado de forma conjunta. No ensino, professores e alunos deverão procurar entender que ambas — sociedade e natureza — constituem a base material ou física sobre a qual o espaço geográfico é construído. É fundamental, assim, que o professor crie e planeje situações nas quais os alunos possam conhecer e utilizar esses procedimentos. A observação, descrição, experimentação, analogia e síntese devem ser ensinadas para que os alunos possam aprender a explicar, compreender e até mesmo representar os processos de construção do espaço e dos diferentes tipos de paisagens e territórios. Isso não significa que os procedimentos tenham um fim em si mesmos: observar, descrever, experimentar e comparar servem para construir noções, espacializar os fenômenos, levantar problemas e compreender as soluções propostas, enfim, para conhecer e começar a operar com os procedimentos e as explicações que a Geografia como ciência produz. (BRASIL – PCN, 1997, p. 77).

No *Parâmetro Curricular Nacional de Geografia* (2001) defende que o ensino de geografia pode muito bem fazer com que os alunos se envolvam de maneira aberta com sua própria realidade, permitindo que os mesmos intervenham de formas diferentes, com consciência e tendo formação de opinião. Sabe-se que o meio geográfico é de acordo com a história determinado e dado pelo sujeito economicamente e socialmente no meio em que se vive. Vale acrescentar que a geografia está envolvida e estudam-se as relações entre os procedimentos históricos que aceita a formação dos sujeitos e o trabalho voltado à natureza, tudo isso através da leitura do meio geográfico.

Neste sentido, a Geografia tem várias formas de abordagens para cada tema abordado, cabe ao professor saber acessá-lo, como por exemplo, os temas que envolvem a transversalidade, podem ser utilizados de inúmeras maneiras para explicar a realidade vivenciada pelo aluno. Segundo o PCN-G:

Na prática pedagógica, interdisciplinaridade e transversalidade alimentam-se mutuamente, pois o tratamento das questões trazidas pelos Temas Transversais expõe as inter-relações entre os objetos de conhecimento, de forma que não é possível fazer um trabalho pautado na transversalidade tomando-se uma perspectiva disciplinar rígida. A transversalidade promove uma compreensão abrangente dos diferentes objetos de conhecimento, bem como a percepção da implicação do sujeito de conhecimento na sua produção, superando a dicotomia entre ambos. Por essa mesma via, a transversalidade abre espaço para a inclusão de saberes extra-escolares, possibilitando a referência a sistemas de significado construídos na realidade dos alunos. (BRASIL, 1997, p. 31).

Segundo o mesmo, a proposta de transversalidade pode fomentar algumas discussões do ponto de vista conceitual, dentre eles pode-se citar, a da sua relação com a concepção de

interdisciplinaridade, bastante difundida no campo da pedagogia, entretanto essa discussão se faz cabível, haja vista que é plausível analisar como estão sendo consideradas nos Parâmetros Curriculares Nacionais as diferenças entre os dois conceitos, bem como suas implicações mútuas. Temas de transversalidade e interdisciplinaridade, se fundamentam na crítica de uma concepção de conhecimento que toma a realidade como um conjunto de dados estáveis, sujeitos a um ato de conhecer isento e distanciado.

Ambas apontam a complexidade do real e a necessidade de se entender, a teia de relações entre os seus diferentes e contraditórios aspectos. Contudo não são iguais umas as outras, haja vista que a interdisciplinaridade refere-se a uma abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento. Já a transversalidade, diz respeito principalmente à dimensão da didática. Ou seja, enquanto uma é referente aos seguimentos entre aos diferentes campos de conhecimento interdisciplinares, a outra visa o esclarecimento das práticas educativas, portanto, os Temas Transversais, dão sentido social a procedimentos e conceitos próprios das áreas convencionais, superando assim o aprender apenas pela necessidade escolar e muito pertinente o seu uso como mais uma forma de ensinar a Geografia . (PCN-G, 1997).

Para tanto, os conteúdos selecionados, devem permitir o pleno desenvolvimento do papel de cada um na construção de uma identidade com o lugar onde vive e, em sentido mais abrangente, com a nação brasileira, valorizando os aspectos socioambientais que caracterizam seu patrimônio cultural e ambiental. De forma que o ensino de Geografia, seja o divisor de águas do ser humano, haja vista que a mesma tem o poder de tirar o ser humano do senso comum, para o senso crítico do seu meio. O fazendo ser social consciente dos seus direitos e das condições sócio-espaciais, se posicionando com autor da sua própria história, haja vista ter a condição de fazer análises do que o cerca tanto no sentido espacial, social, familiar entre outros.

Assim sendo, é preciso ressaltar que, a Geografia é o meio, pelo o qual o homem se torna um ser mais crítico no espaço social, pois é a partir do momento em que passa a pensar, a analisar, a ter domínio e conceitos sobre diversos assuntos da área, passa a viver e modificar o funcionamento da mesma com uma nova visão. Percebe-se que a Geografia auxilia o homem a questionar, a fazer perguntas, interrogar algo sobre casa, bairro, cidade, rua, escola, lagos, rios, mapas e dentre outros aspectos, ou seja, acerca do que está próximo, do lugar onde vive, mas também acerca do que está mais distante, do mundo. Devido a isso, o indivíduo vai desejar questionar e compreender melhor sobre o espaço, tempo, grupo e o lugar onde vive.

4 PROJETO PEDAGÓGICO DE PEDAGOGIA (PPC) – SOBRE O ENSINO DA GEOGRAFIA NA UNIVERSIDADE

Neste tópico usaremos o PPC do curso de Pedagogia da UFT, de forma sucinta e abrangendo apenas ao que se refere o foco do trabalho, neste sentido, o mesmo será abordado de forma parcial, haja vista a não necessidade de se prolongar e fugir do tema.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia o objetivo do mesmo é o que tange o campo teórico-prático investigativo da educação, do trabalho pedagógico, dos processos de ensino-aprendizagem, que se realizam na práxis social. Diante disto segue suas premissas:

[...] o Curso de Pedagogia forma o licenciado em pedagogia, que deverá ter uma sólida formação teórico-prática e interdisciplinar, balizada nos fundamentos filosóficos, históricos, psicológicos, políticos e sociais que condicionam o fenômeno educativo, bem como nos conhecimentos didático-pedagógicos e da gestão dos processos educativos que tenham como objeto o trabalho pedagógico, que fundamenta a docência. A docência, como a estamos compreendendo, possui dois sentidos: um sentido amplo, que a caracteriza como ação educativa e processo pedagógico sistemático e intencionalmente construído nas relações sociais, e um sentido estrito, que a toma como expressão articulada do conhecimento, do ensino e da aprendizagem, ou concretização dos procedimentos didático-pedagógicos em sala de aula. (PPC DE PEDAGOGIA, 2007, s/p).

Neste sentido o curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Tocantins se baseia na concepção ampliada de docência, objetivando formar o licenciado em pedagogia a partir do objeto próprio de estudo da Pedagogia, fundamentada na docência que compreende o ensino, a gestão e a produção e difusão do conhecimento, nos espaços escolares, bem como, os não-escolares. Assim, dentre as descrições do PPC, como habilidades e atitudes esperadas do Pedagogo estão:

Atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária; compreender, cuidar e educar crianças de zero a cinco anos, de forma a contribuir, para o seu desenvolvimento nas dimensões física, psicológica, intelectual, social, entre outras; fortalecer o desenvolvimento e as aprendizagens de crianças do Ensino Fundamental, assim como daqueles que não tiveram oportunidade de escolarização na idade própria; trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo; reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais e afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas; aplicar modos de ensinar diferentes linguagens, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano, particularmente de crianças; relacionar as linguagens dos meios de comunicação aplicadas à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de

informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas. (PPC DE PEDAGOGIA, 2007, s/p).

O curso de Pedagogia da UFT tem duração de *nove semestres* (que podem se estender ou não depende do acadêmico) com uma carga horária de 3.225, com componentes curriculares obrigatórios de 60 horas aulas. Pautado e baseado na Resolução do CNE/CP n. 1 de 15 de maio do ano de 2006. Como forma organizacional subdivide-se em três núcleos, são eles: *Estudos Básicos, Aprofundamento e Diversificação de Estudos, Estudos Integradores, articuladores da formação*. E como divisão dessas 3.225 horas, observemos como as mesmas se dividem na grade curricular:

Quadro nº 1: Divisão de horas curriculares do curso de Pedagogia da UFT- Campus de Miracema.

QUADRO DE DIVISÃO DE HORAS CURRICULARES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFT – CAMPOS DE MIRACEMA	
2.820 h	Atividades Formativas;
300 h	Estágio Supervisionado em EI e AIEF articuladas à Gestão de Processos Educativo-Pedagógicos e à Pesquisa Educacional;
105	Horas de Atividades Complementares.

Fonte: PPC de Pedagogia – UFT – por Alana Tamara Sousa Moreira.

Quanto à carga horária disciplinar, no que tange a este trabalho (*Pedagogia e o ensino de Geografia*), no quadro geral de matérias do curso de Pedagogia tem apenas uma disciplina que acontece no 4º período de formação do futuro pedagogo (*Fundamentos e Metodologia do Ensino de Geografia*). De forma que, a mesma não é suficiente, haja vista a abrangência da Geografia, bem como as ferramentas que a mesma possui como forma de auxiliar o aluno a aprender e apreender o seu espaço circundante e inúmeras maneiras, estas que o acadêmico de pedagogia tem que estar de forma consciente a par, para saber na hora da atuação se posicionar com segurança e conciso de seus conhecimentos.

O pedagogo deve se sentir seguro na hora de colocar em prática o aprendido, contudo se o mesmo não teve oportunidade de dominar os conteúdos no curso de pedagogia, assim, qual opção sobra ao pedagogo? Fazer uma nova formação como Rosa (2008), em busca de capacitações, novos cursos (por exemplo, nova graduação, desta vez em Geografia) haja vista

que, a graduação em Pedagogia não lhe permitiu acesso na hora do ensino, ao longo da graduação.

Segundo Amaral (2015) é importante observar que:

[...] o professor é regente é multidisciplinar, pois, que além de ensinar a ler e escrever, o mesmo insere disciplinas básicas da educação e aparentemente ai é o que surge o desafio, pois em sua formação acadêmica não possuiu uma base teórica específica relacionada às disciplinas que serão desenvolvidas. Para lecionar Geografia requer um conhecimento específico sobre a mesma, o que infelizmente com o curso de pedagogia não é possível alcançar esse objetivo. (AMARAL, 2015, s/p)

Para a autora este é um dos motivos pelo qual, as aulas de Geografia são ministradas de forma simplista e não compatível com toda a sua grandeza teórica. Contudo, os mesmos estão apenas conduzindo as aulas de Geografia de acordo com o que aprenderam de forma sucinta a disciplina que é o que a graduação dos mesmos oferece. Observa-se que durante toda a vida escolar não se tem aprofundamento sobre a disciplina, e a mesma de forma repetitiva apenas aborda as questões do relevo, dos terrenos e as bases da antiga e inicial Geografia. E então, chega-se ao ensino superior e o processo praticamente se repete, haja vista que é um grau de estudo elevado e também nos espaços de formação dos pedagogos, a disciplina não é aprofundada, continuando a permear a disciplina com certa, “displícência” e não apenas a elas mais as outras tais como história que se repete a mesma narrativa.

Pode-se ver nesse relato que se segue, o relato de um pedagogo e sua experiência na docência em Geografia e não apenas, haja vista que na Pedagogia com ênfase em Licenciatura, habilita o professor a ministrar disciplinas como, por exemplo: Geografia, Português, Matemática, História, Ciências, Artes, Educação Física e Ensino Religioso. Assim de acordo com Santos (2004):

Estivera praticamente dois anos e meio na escola lecionando varias disciplinas, em vários anos (do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental). No ano de 2011 iniciei com uma nova turma de 3º ano, na qual lecionei o ano todo, a turma era composta por 35 alunos, a dificuldade foi imensurável, o foco principal do trabalho, na perspectiva da escola, era sempre as disciplinas de Português e Matemática, isto é, aprender ler, escrever e contar. As aulas de Geografia eram praticamente esquecidas, eram duas por semana, e sempre substituía as aulas por disciplinas de português, pois consideravam que as aulas de Geografia não eram tão importantes para os anos iniciais. (SANTOS, 2004, p. 68).

De forma, que o sistema também impõe, “o que é e não” é importante, no que “ dá ou não” mais importância, contudo, quando há as aulas de Geografia (poucas na grade curricular escolar) o professor também não se encontra apto para alçar mão desse pouco tempo e expor

tudo que é necessário á disciplina. O autor explicita como eram as condições didáticas a ele apresentada pela escola:

As aulas de Geografia eram sempre desenvolvidas através de textos retirados do livro didático ou da internet. Por várias vezes desenhávamos mapas que já vinham no livro, sem objetivo específico, apenas para gradar os alunos que gostavam muito de desenhar. Praticamente não foram trabalhados conteúdos básicos de Geografia nas aulas como as categorias de nação, território, lugar, paisagem e principalmente o espaço geográfico como um todo. (SANTOS, 2014, p 68).

Neste sentido, Amaral (2015), observa sobre se repensar a Geografia na Pedagogia, e assim, analisar que a Geografia vai muito além dos aspectos mínimos que são ensinados em todos os estágios desde o ensino fundamental a até o superior (no caso aqui a Pedagogia como podemos observar no PPC). A mesma explicita sobre a necessidade de se entender que o profissional desta disciplina está além do que cabe nas páginas dos livros didáticos. De forma, que deve entender que o profissional de pedagogia seja ensinado a superar ao básico que lhe é repassado pela escola e os livros oferecidos para ele usar como guia para ministrar suas aulas.

Portanto, cabe a Universidade como um todo, reavaliar os ensinios das disciplinas que serão as ferramentas de trabalho do pedagogo no futuro. Observar a necessidade de aprofundamento metodológico, teórico e prático com mais carga horária nas mesmas, para que o estudante de Pedagogia saia da graduação mais empoderado do papel que o mesmo irá desempenhar como semeador do conhecimento, saindo do senso comum para o senso crítico amplo das ideias e dos vários autores que falam sobre as varias disciplinas, aqui no tocante a Geografia.

Denota-se ainda a grande necessidade do acadêmico sair apto a ser um transformador social, não apenas como mais um no sistema que já está pronto, e no caso específico da Geografia, mais um que falará de mapas, relevo, entre outros. Que o mesmo também use a Geografia como motivador e transformador do ser humano na sociedade, através das vastas ferramentas que a mesma possui, com seu riquíssimo acervo. Entretanto, cabe à Escola de Pedagogia fomentar estas discussões a cerca do PPC para que estas disciplinas – guias (Geografia, Português, Matemática, História e afins) tenham a devida atenção que merecem (tamanho a sua importância), e sejam exaustivamente estudadas e praticadas na sala de aula da graduação. Está faz parte da transformação da educação e dos educadores do país. No tocante a Geografia, que a mesma seja evidenciada como é preciso, e isto pode acontecer através da Graduação, a mesma ensinando aos graduando a sua importância para a humanidade e ao meio

5 RELATIVIZANDO OS DADOS DA PESQUISA

A pesquisa de campo foi desenvolvida através da técnica de questionário com perguntas abertas, entregue aos professores (as), e dando um tempo de 2 dias para que eles (as) as respondessem livremente. Dentro da lista de entrevistados constam **9 professores e professoras em duas escolas municipais** da cidade de Miracema do Tocantins – TO, que são de responsabilidade da gestão do Município. Ao todo foram entregues 13 questionários (4 na primeira escola e 9 na segunda), e apesar de alguns oferecerem resistência, a maioria respondeu dentro do previsto, apenas um se negou a fazer parte da pesquisa, e com três não houve compatibilidade de horário para tal. Mais da metade dos entrevistados atuam em média a mais de 10 anos na educação, até mesmo antes da graduação, contudo entre os entrevistados tem um que ainda está cursando Graduação em Pedagogia. Vejamos a tipificação dos entrevistados:

Quadro nº 2: Relação dos Entrevistados e particularidades da pesquisa

RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS E PARTICULARIDADES DA PESQUISA			
Entrevistados	Formação Profissional	Cursos de Pós-Graduação	Séries lecionadas
A	Pedagogia – UFT	Educação Infantil e Séries Iniciais; Gestão, Supervisão e Orientação Escolar.	1º ano
B	Normal Superior – EDUCON	Educação Infantil – UFT	2º ano
C	Não informou	Não informou	2º ano
D	Não informou	Educação Infantil- UFT	2º ano
E	Não informou	Não informou	2º ano
F	Magistério	Não informou	3º ano
G	Pedagogia – UFT	Não informou	3º e 4º anos
H	Pedagogia – UFT	Não informou	3º e 4º anos
I	Pedagogia – EDUCON	Não informou	4º e 5º anos

Fonte: Alana Tamara Sousa Moreira.

As entrevistas analisadas ocorreram nos dias 26 e 29 de novembro de 2018, foram feitas perguntas relativas ao entorno subjetivo e prático da sala de aula, concernente a disciplina de Geografia nos anos iniciais (1º e 5º anos) das escolas municipais *no município de Miracema do TO*. Dentro dos questionamentos saber como é montado este círculo escolar, de como as aulas são ministradas e observar o domínio dos professores acerca da mesma. Bem como, se a Geografia está sendo ministrada em sua amplitude mínima, e se não, o porquê do fenômeno acontecer.

Ainda procurou-se saber através de alguns questionamentos, como o professor via em sua ótica pessoal a Geografia na escola e qual o espaço que a mesma tem em loco, com a intenção de saber sua opinião enquanto professor, e responsável por transmitir conhecimento com o intuito de transformação e até fomentar novas questões nos mesmos acerca de sua prática escolar. Assim, seguem as análises relativas aos dados coletados.

Um dos primeiros questionamentos aos professores (as) foi: *Qual o papel do ensino de Geografia nos anos iniciais?* Denotou-se que em maioria os mesmos têm ciência subjetiva da amplitude da Geografia, dentre elas: no campo social, espacial e transformador do ser, como podemos observar na fala do (a) entrevistado (o) A: *Interagir, relacionar-se com o meio ambiente, compreender relações entre sociedade e natureza, bem como, levar o aluno a conhecer e pensar sobre diversos meios.*

Assim, de acordo com Silva e Silva (2016):

O ensino de Geografia deve permitir aos educandos uma análise crítica da realidade, pois estes devem se colocar de forma propositiva diante dos problemas enfrentados na família, na comunidade, no trabalho, na escola e nas instituições das quais participam. É de fundamental importância que a escola discuta assuntos que assolam e envolvam o nosso cotidiano, mesmo quando a temática em questão não esteja proposta no currículo pedagógico. Afinal, a instituição escolar e a educação geográfica têm o compromisso de cumprir o seu papel social: o de permitir a contextualização social, econômica, política, histórica e geográfica da sociedade no ambiente de aprendizagem. (SILVA E SILVA, 2016, p. 67).

Contudo ter ciência não é a mesma coisa que domínio, isso constatado em falas como, por exemplo, quando eles respondem a pergunta de forma vaga ou simplesmente com um sim, ou um não. Ou de forma confusa (não deixando claro como o faz) como no caso do questionamento ao (a) entrevistado (a) I: *Você trabalha com as crianças a alfabetização cartográfica? Como? (Não) sim, sempre levo o reconhecimento da evolução das técnicas cartográficas.* Desta forma de acordo Cavalcanti (2005):

Podem-se perceber aspectos da experiência e dos conhecimentos dos professores de Geografia, pela prática observada e por seus depoimentos, através de algumas pistas:

as concepções sobre a Geografia, as dificuldades com certos conteúdos da Geografia, o trabalho com o material didático, em especial o livro didático.(CAVALCANTTI,2005, p.70)

Neste tópico, dois deles (**B e G**) não responderam ao questionamento. Entre os que disseram que não trabalham com a cartografia **C e D**, e o entrevistado **H**, apenas disse que sim. Neste sentido, apenas 3 entrevistados responderam a contento sobre a questão (foram eles **A, E e F**). O entrevistado **A**, por exemplo, respondeu: *sim, noções de mapas, leituras, localizações de diversas formas usando objetos como referências, brincadeiras, fotos, imagens e uso do globo terrestre.*

Apesar de se saber que a formação do Pedagogo não tem aprofundamento nas disciplinas e neste caso na de Geografia, ainda assim, o profissional da educação não deve se deixar abater pelo fatalismo, e visto a necessidade de aprender mais, ir atrás de novas fontes de aprofundamento e aprendizagem, para assim, aprenderem novas didáticas, novas formas de abordagem, bem como, ter o embasamento teórico- metodológico e assim, seguros do que sabem repassar para os alunos de forma clara, alegre, expansiva, com dinâmicas e não apenas atrelado aos ditames do livro didático.

Segundo Marques (1993):

A clareza teórico-metodológica é fundamental para que o professor possa contextualizar os seus saberes, os dos seus alunos, e os de todo o mundo à sua volta. E, no nível de ensino em que a criança está processando a sua alfabetização, o ideal seria que houvesse “uma unidade em que se supere a fragmentação das disciplinas e das responsabilidades, em práticas orientadas por e para linhas e eixos temáticos e conceituais interdisciplinares, não apenas uma justaposição de disciplinas enclausuradas em si mesmas, mas de uma maneira que, em cada uma se impliquem as demais regiões do saber” (MARQUES, 1993, s/p).

Contudo, por outro lado, não se pode negar a análise conjuntural e observar que para além das dificuldades na formação da academia, o professor ao chegar no mercado de trabalho se depara com um sistema educacional sem investimentos necessários para que o mesmo possa fazer seu trabalho, e desta maneira, tem que se desdobrar para encontrar novas ferramentas didáticas (que já não possui onde trabalha) para dar sua aula. Neste sentido de acordo com Baggio (2017):

A escola reflete os conflitos da sociedade e transmitir os conteúdos geográficos é um grande desafio para nós, professores. Embora nas últimas décadas o ensino da Geografia tenha passado por muitas transformações, ainda são grandes os problemas em relação aos materiais cartográficos. Muitas escolas não têm mapas, atlas, globos, enfim, materiais que são indispensáveis para as aulas de Geografia, quando se trabalha cartografia. Outras têm esses materiais, porém desatualizados, não contando com recursos financeiros para modernizá-los. Algumas ainda são precárias quanto

aos laboratórios de informática, onde poderiam ser trabalhados os conteúdos cartográficos de forma concreta. (BAGGIO, 2017, s/p).

Desta forma, observa-se que a cerne do problema não está tão somente no educador, mas, como mola principal, está em sistema educacional que permeia estas relações nas esferas, sociais, políticas e etc., contudo, no que tange ao professor, muitos estão compelidos a uma situação de muitas vezes, nem poder se posicionar sobre a falta de recursos, dentre muitas outras pautas da categoria, com o receio de ser demitido, perdendo assim seu ganha pão, visto que muitos são contratados. Restando-lhes muitas vezes, o amor à profissão, e lidar com o cotidiano com que tem e o que se pode engendrar. O fato é que, quando se fala em educação, se o que se procura é qualidade, sem investimentos não é possível, ou quase impossível que faça.

Por exemplo, dentre as maiores pontuações negativas feitas pelos professores estão a falta de suporte técnico tais como: Tv's, computadores, materiais referentes e específicos para as aulas de Geografia, livros didáticos, e até mesmo espaço físico para as aulas. Assim os entrevistados quando perguntados: *Quais os desafios e suas principais dificuldades do ensino de geografia nos anos iniciais? E quais as causas dessas dificuldades?* deles (A, B, C, D, E, e H) se queixaram da falta de recursos didáticos, tanto para a realização, quanto para a execução do mesmo, principalmente com referência a materiais para as aulas de Cartografia e até mesmo de livros didáticos.

Na resposta do (a) entrevistado (a) D, quando questionada (o): *Você propõe uma metodologia interdisciplinar relacionando os conceitos da Geografia (espaço, território, paisagem e lugar); ou segue o planejamento dos livros referentes à disciplina de Geografia? Qual a concepção pedagógica de ensino de Geografia que utiliza para seu planejamento?* A mesma volta a tocar na questão da falta do livro didático: *Não temos livros didáticos e trabalho mais com recortes, colagens, desenhos, pinturas e com outras práticas.*

Denota-se que, a discussão deste tema chega a um nível 'inesperado', pois se vai em busca de saber como o ensino de Geografia é feito nos anos iniciais, e inclusive tem-se dentro dos questionamento *se o professor usa de outros métodos disciplinares metodológicos ou apenas o livro didático*, mas encontra-se em campo, professores que nem com o livro didático podem contar para suas demandas educacionais, bem como, se depara com professores desmotivados, sem os mínimos recursos necessários para ministrar suas aulas, e em condições precárias para lecionar e fazer o seu papel de transformador e construtor social. No sentido desta fala em especial (que infelizmente é a realidade de inúmeros professores da rede pública) a pergunta foi frustrada com demandas mais urgentes, por exemplo, observa-se

aqui a questão: não seria importante ter o livro primeiro para depois falar de usá-lo e em como usá-lo? Sim, pois, se o professor não o possui como uma das ferramentas obrigatórias, então, como utilizá-lo? Contudo se não o fosse perguntado, como saber da realidade vivenciada pelos professores (as) e a falta dos mesmos.

De acordo, com Silva (2012) o governo brasileiro defende que a educação é imprescindível para o cidadão apenas na teoria, pois na prática a deficiência é vista no cotidiano para quem quiser observar. A educação em si é muito desvalorizada e com ela também o papel do professor que as gestões de todas as esferas (maioria das gestões) insistem em reconhecer e valorizar. Assim:

A desmotivação dos professores vem desde os baixos salários, o desinteresse dos alunos, a falta de estrutura, até a falta de interesse dos pais dos alunos e a sociedade que transferiram algumas de suas responsabilidades para a escola. Existem ainda muita agressividade e violência no ambiente escolar, de alunos que não respeitam os professores, [...] desafiando sua autoridade, entre outros. (SILVA, 2012, p. 20).

Dessa forma, o esmorecimento explicitado nada mais é do que o reflexo desses índices mostrados acima, que se demonstra mais uma vez quando a (o) entrevistado **D** ao ser perguntado: *Você como professor (a) gosta de ministrar as aulas de Geografia? Se sim, por quê? Se não, por quê?* Responde: não. *Porque falta material para ministrar as aulas.* Com a parte subjetiva do professor abalada por inúmeros fatores relativos tanto ao seu meio profissional enquanto categoria de trabalho (desconhecidos do seu papel fundamental na sociedade, com péssimos salários, a mercê de contratos que os fragmenta ainda mais, pois lhe tiram a autenticidade pelo temos de perder o emprego, dentre outros), quando ao seu meio de trabalho físico, o abala conseqüentemente.

Para Silva (2012).

Os professores das escolas públicas vêm se desmotivando a cada dia que passa, devido a vários problemas que ocorrem dentro das salas de aula, tais como violência, desrespeito, desinteresse por parte dos alunos e desvalorização por parte do governo e da sociedade. O governo, que deveria valorizar este profissional tão importante para todos nós, visto que para termos uma profissão precisamos passar primeiramente pela sala de aula e aprender com este profissional.

É preciso que sociedade, escola e governo se unam para formar cidadãos, cada um fazendo a sua parte sem desvalorizar o trabalho um do outro.

[...] Muitos profissionais que deveriam ser sinônimo de exemplo a ser seguido por toda a sociedade, estão cada vez mais desanimados com a educação pública, pois não são reconhecidos como deveriam, não têm condições adequadas para trabalhar, sofrem violências e desrespeito nas salas de aula e até muitas vezes na própria sociedade. Muitos até deixam de lecionar para irem procurar em outra profissão a valorização e o respeito que merecem e deveriam ter nas escolas. (SILVA, 2012, p. 12).

Entretanto, segundo a autora apesar de tudo (entraves, falta de condições mínimas de trabalho) ainda conta-se outro fator que desmotiva os professores é o desinteresse das famílias, que mandam seus filhos para a escola, muitas vezes, somente para ter sua frequência registrada para o recebimento de algum benefício do governo, como o Programa Bolsa Família ou para terem um diploma no fim do curso (SILVA, 2012, p. 12). Denota-se que a participação familiar é de suma importância para o aprendizado do aluno, a presença dos mesmos neste processo é para além de motivador, não apenas para o professor, bem como para o aluno que ao receber a atenção dos pais se esforçaria mais. Mas o que se denota é que na maioria, os genitores mandam seus filhos para a escola e deixam a cargo da mesma, todo o aprendizado desde modos educacionais de comportamento à educação teórico das disciplinas, e que o professor e a escola resolvam tudo.

De acordo, com Silva (2012):

É parte da função do professor preparar os alunos para um futuro melhor e, como profissional, este deve se sentir orgulhoso quando vê os jovens aprendendo. Entretanto a responsabilidade de educar não cabe somente a ele. A família e este profissional devem compartilhar e providenciar juntos a educação global (valores, hábitos de higiene, experiências e etc.) do jovem de hoje. A relação entre a escola e a família deve ser de reconhecimento mútuo e respeito. Reconhecer significa sair dos limites e abrir-se para novas possibilidades. (SILVA, 2012, p. 20).

Contudo, este é um debate já vem sendo fomentado nas escolas a muito tempo em reuniões de pais e professores, entretanto as mesmas são dificultadas quando alguns dos pais também não participam das mesmas.

No entanto, no tocante à questão de pesquisa apresentada, apesar destas pontuações de desânimo e falta de condições de trabalho e afins, 90% dos professores disseram gostar de ministrar a disciplina de Geografia. Com diferentes motivos, uns porque gostam muito de Geografia, outros porque a mesma ajuda a explicar a realidade empoderando o ser, entre outros. Entretanto, mesmo entre os entrevistados que disseram gostar de ministrar a disciplina de Geografia, alguns deles alegaram não serem formados em Geografia e por isto ter algum tipo de dificuldade. Outro que pretende buscar especialização pela grande identificação com a disciplina, G entrevistado (a): *sim, gosto muito, estou pensando em fazer uma complementação sobre o ensino de Geografia, é um ensino que me identifico muito.*

De acordo com Rosa (2011):

A Formação de professores para atuar nas séries iniciais do ensino fundamental têm sido deficiente no que tange aos conteúdos geográficos e isso têm gerado, entre os profissionais da área uma inquietante busca por novas técnicas, metodologias e

cursos de educação continuada que propõem uma reestruturação dos conceitos básicos para o aprendizado da alfabetização cartográfica. (ROSA, 2011, p. 36).

Neste sentido quando questionados: *No seu ponto de vista de professor (a), qual o interesse da criança nos anos iniciais no tocante aos aprendizados das aulas de Geografia?*

As respostas variaram muito, e notou-se que alguns ainda não se atentaram para a necessidade do contato com a Geografia desde os anos iniciais e que a tenra idade não é uma desculpa para não se ensinar a cartografia, e neste sentido explicita Rocha (2010):

A introdução da criança ao ensino da cartografia inicia-se nas séries iniciais, aonde a mesma vai aprendendo as bases do sistema de coordenadas, seguindo assim o processo de aprendizado aonde o conhecimento vai sendo passado de acordo com a evolução de seu aprendizado no processo de ensino. Os conhecimentos que o educando traz com si do meio social de convívio, podem ser utilizados para o aprimoramento do conhecimento e melhor aprendizado. O aprendizado acontece de maneira que a criança vai descobrindo seu mundo e o mundo ao seu redor. A partir daí a criança vai descobrindo as maneiras de visualizar e reconhecer o mundo a que ela pertence, como representá-lo e se locomover nele. Nesse processo, aprender a reproduzir seu mundo através de maquetes e desenhos, contribui para a assimilação do conhecimento. (ROCHA, 2010, s/p).

Assim seguem as outras respostas:

- Entrevistado **B**: *vago, uma vez que sua compreensão ainda esta em formação.*
- Entrevistado (a) **I** *eles pensam que Geografia é só estudo da Terra.*
- Entrevistado (a) **F** *a meu ver o interesse das crianças do mundo atual é bem pouco, pois as aulas escritas no quadro já se tornaram fatigantes.*

Neste tópico Amaral (2015) elucida que para que haja uma eficaz aula de ensinamentos geográficos em sala de aula, há a necessidade de uma organização sequencial e didática sobre o tema em si (Geografia) e para que isso se faça é necessário que o professor tenha domínio do conhecimento científico, inclusive para observar a melhor didática a ser apresentada e utilizada em suas aulas. Tendo/adquirindo a sensibilidade de localizar e reconhecer os pontos mais difíceis de aprendizagem de cada aluno e o porquê da mesma, para saber lidar de forma diferenciada com o mesmo. E assim, encontrando um ponto de ligação entre si, o conhecimento e o aluno. Neste sentido, é preciso que o professor cumpra o seu papel como mediador e instigador, para que através disso o seu cognitivo seja trabalhado e desenvolvido de forma crítica e reflexiva perante o seu espaço geográfico, ligado a todas as suas relações, sejam elas homem, meio ou entre si, se localizando e se sentido parte do meio.

Entende-se que o sistema educacional (bem como vários outros sistemas brasileiros) tem suas falhas no quesito investimentos, (no tocante ao conhecimento aprimoramento), e por isso, algumas formações não tenham sido feitas a contento, e nem os tenham preparado de forma mais eficaz para a práxis de professor de Geografia (e outras disciplinas), contudo, deve-se continuar através de estudos, cursos, palestras, pós-graduações e afins, para se manter atualizado e apto como profissional.

Entretanto, este interesse e vontade devem partir do profissional em procurar novas alternativas e assim, meios de aperfeiçoamento, estes, que as vezes o próprio Estado oferece cursos de aperfeiçoamento. Na internet, por exemplo, tem muitos cursos oferecidos gratuitamente, a UFT também tem muitas oportunidades de cursos, palestras, seminários e todos são gratuitos. De forma que o professor há de se encaminhar e procurar adquirir novas técnicas para otimizar seu trabalho primando se tornar referência naquilo que se propôs a fazer como profissão.

Desta forma, outro questionamento foi referente à formação deste sujeito na academia: ***Em relação à prática de professor (a), como você avalia a sua formação em Pedagogia no que tange os conhecimentos fundamentais e metodológicos do ensino de Geografia para os anos iniciais?*** O (a) entrevistado **D** respondeu: *Tenho conhecimento mesmo só na prática e o básico, na minha formação os conhecimentos sobre a Geografia é muito pouco, pois nas aulas não se aprende quase nada, é muito superficial.* O (a) entrevistado **B** respondeu: *que o ensino de Geografia foi simbólico.*

Esta é uma verdade constatada ao se observar no PPC de Pedagogia (UFT) onde só existe uma disciplina nesta área de formação do futuro pedagogo, que se denomina ***Fundamentos e Metodologia do Ensino de Geografia.*** E que é “ineficiente” devido às demandas que se seguirão ao futuro pedagogo, haja vista a abrangência da Geografia, bem como entender as ferramentas que a mesma possui como forma de auxiliar o aluno a aprender e apreender o seu espaço circundante e inúmeras maneiras, estas que o acadêmico de pedagogia tem que estar de forma consciente a par, para saber na hora da atuação se posicionar com segurança e conciso de seus conhecimentos. E entendendo-se que o tempo de um período (60 horas aulas) não dê para entender toda esta complexidade, e ainda observando que este é um aspecto que deve ser analisado quanto ao PPC, e que talvez fomente algo no sentido de ampliar essa disciplina, ou criar outra que aprofunde mais sobre a Geografia e a questão do ensino da mesma.

Desta forma de acordo com Campos (2012):

As instituições de ensino superior públicas e privadas desempenham uma importante e ao mesmo tempo complicada função, a incumbência de formar os professores no Brasil, considerando que a profissão desvalorizou-se demais nas últimas décadas, tanto em relação ao salário quanto ao prestígio, o que faz com que, a cada ano, torne-se mais difícil atrair jovens capacitados para a profissão. Assim, resta aos cursos de formação de professores a difícil tarefa de colocar no mercado de trabalho bons profissionais, capazes de lecionar com sucesso diante dos diversos problemas apresentados nas escolas de ensino fundamental e médio na contemporaneidade. Portanto, é delegado a tais cursos, em um tempo de quatro anos, transformar aquele jovem que, em vários casos, apresenta defasagem de aprendizagem proveniente de um ensino básico com falhas em um profissional com vasto conhecimento do saber/fazer docente, além de conhecimentos científicos específicos da ciência que irá lecionar e da pedagogia. Essa tarefa de “Hércules” é quase impossível, professores que trabalham com prática de ensino nas faculdades e universidades brasileiras sabem que, ao final do curso, muito ainda falta aos nossos alunos para que possam ir para a sala de aula e realizar o trabalho de um professor com satisfação. Este fato não descarta a responsabilidade de tais cursos em buscar soluções para a melhoria da formação dos professores no Brasil, mesmo diante dos problemas elencados acima e de outros que não foram tratados aqui. (CAMPUS, 2012, p. 4-5).

Desta forma, Rosa (2011) observa que, a busca por novos caminhos para a formação de professores que atuam na primeira fase das séries iniciais, é primordial para as transformações no cenário atual do ensino em nossas escolas, assim sendo, se expressa a necessidade de mais aprofundamento nos conteúdos geográficos com o intuito de favorecer uma maior interação nos cursos de Pedagogia e Geografia.

Assim, pontua Amaral (2015):

Neste sentido, o desafio da relação ciência e didática fundamenta-se na transposição da linguagem acadêmica para a pedagógica, pois esse repto tem demonstrado que as lógicas científicas quando não didatizadas atrapalham o processo de ensino-aprendizagem. Portanto, a adaptação das categorias e conceitos geográficos precisa ser realizada pelo desenvolvimento de conhecimentos específicos os quais promovam a constituição de uma organização didática construtora da lógica do conhecimento geográfico. Essa especificidade não pode ser generalizada, mas precisa ter o compromisso na transposição da linguagem acadêmica para a pedagógica. (AMARAL, 2015, s/p).

Dentre os outros questionamentos também se perguntou: *Como foram as suas primeiras aulas logo após sair da universidade referente às aulas de Geografia nos anos iniciais (relato pessoal referente aos primeiros contatos como professor (a) da disciplina)?* Observou-se que alguns responderam de forma muito alienada e vaga. Outras respostas nada tinham haver com o teor da questão. Contudo, leva-se em consideração que as que continham “foi algo tranquilo”, “dentro do planejamento”, e, afins, (quase todas) se deve ao fato de que os entrevistados já ministravam aula antes da Universidade (com exceção de um que ainda está cursando Pedagogia).

Como uma última pergunta se questionou aos professores (as) se *Proporiam algo diferente do até aqui posto para as aulas de Geografia nos anos iniciais e para otimizar o aprendizados dos alunos (as)*? Os entrevistados **G, B e I**, não souberam responder. Já os outros (**A, C, D, E, F**) responderam de forma a propor algo que vise à melhora do ensino da Geografia nas escolas, vejamos:

A, Observo que é bastante relevante o trabalho com o concreto, nesse processo de desenvolvimento das crianças que é a alfabetização. Seria importante a pesquisa de campo (visitas, passeios a lugares, e locais diferentes). Trabalhar mais com imagens, fotos, documentários, entrevistas, exposições.

C, Realizar aulas extras para observação do meio ambiente, o relevo, etc.

D, Sim, livros didáticos e materiais diferenciados para realizar pesquisas.

E, Que o professor deve fazer um planejamento, que estejam realmente interessados para a formação do aluno.

F, Sim, que as aulas fossem também ministradas nas salas com computadores ou TV, para que os alunos tivessem uma ampla aprendizagem.

Nestas respostas se observa demandas que o sistema não supre, e assim, alienando o professor a muitas vezes só se ater aos estudos em sala de aula (quadro negro, teoria, e o uso do livro didático – que não se emprega a todos, pois como já vimos aqui pelo professor não ter e assim não poder contar com o mesmo), por não poder alçar mão de estrutura material, tais como: livros, tv's, data show, materiais relacionados às aulas de cartografias, e materiais até mesmo para se fazer um planejamento adequado às “exigências” que as aulas de Geografia primam como ideal. Até mesmo ônibus e condições para traslado por menor que seja não tem a possibilidade, que seria o interessante nas aulas ao ar livre, e ainda observando, a falta de pessoal nesses passeios-aula que são de imensa e inegável necessidade para acompanhar de perto cada criança em todo o trajeto de ida, volta, e estada no loco de estudo.

Então, diante do visto, notar-se-á que as dificuldades dos professores e professoras em lidar com a ministração das aulas de Geografia, não estão tão somente imbricadas nas questões teórico–metodológicas, didáticas e práticas, mas também no quesito estrutura física das escolas estudadas. 90% dos entrevistados tem noção e sabem exatamente da importância do *ensino de Geografia nos anos iniciais*, contudo, não dispõe de condições para o fazê-lo de forma precisa. Os outros 10% notou-se que a formação em si e os anos de prática também não fez com que os mesmos procurassem ou não tivessem condições (subjetivas ou materiais) para se aprimorar para as mesmas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se nesta pesquisa que alguns professores tiveram certa dificuldade em responder as questões, entretanto entende-se isso devido às demandas urgentes que os mesmos enfrentam com a falta de condições materiais/didáticas para o andamento da disciplina. Contudo, o que se visou com este trabalho, foi averiguar o processo de ensino (no tocante as aulas de Geografia dos anos iniciais), bem como, observar como é este processo na visão do professor. E como os mesmos lidam com as questões fundamentais e teóricas desta área do conhecimento.

Na pesquisa a questão acerca do ensino de geografia foi respondida, entretanto outros questionamentos foram abertos. A questão principal está diretamente entrelaçada com outras questões que não tangem apenas à didática e a metodologia, mas também à parte estrutural do sistema, não apenas sem fazer outras análises muito mais aprofundadas para não se incorrer no risco de colocar o professor como um vilão em todo esse processo. As questões abertas ficarão para análises posteriores pelo sentido de fugirem a origem do tema desta pesquisa.

Contudo, apesar de todos os entraves o (a) professor (a) dentro do possível, tenta sobrepor-se a essas necessidades/dificuldades aqui elencadas por eles. No estudo pode-se conhecê-las, entretanto, é preciso buscar formas de mobilização e continuar lutando por direitos e a legitimação de uma formação e ensino de qualidade na escola básica. Espaços dignos de trabalho e melhores condições de salário. Sabe-se que estas dificuldades que não acontecem apenas nas escolas da pesquisa e em Miracema do Tocantins - TO, contudo é uma realidade vivenciada nos muitos brasis que temos em nosso país desigual.

Porém, é importante que as dificuldades não sejam um ciclo vicioso de justificativas para não se buscar melhorias, que a resistência e a esperança na educação, sejam a mola propulsora para se tornarem excelentes profissionais. As escolas e os professores lidam com os problemas de limitações estruturais, físicas, pedagógicas, mas se politizados e com uma formação crítica, conseguirão formar crianças para transformar as suas realidades sociais se posicionando de maneira crítica no mundo.

Portanto, se espera que este trabalho possa de alguma maneira contribuir e fomentar questões acerca do ensino da Geografia (não apenas aos anos iniciais) e assim encontrem-se nos círculos das academias, e no tocante a UFT que é onde a pesquisadora tem a honra de fazer este curso (Licenciatura em Pedagogia) em busca de ações, contribuições, de possíveis mudanças curriculares, por exemplo, uma disciplina com ênfase no ensino da cartografia, visto que esta é uma das ferramentas do ensino da Geografia que mais empoderam a criança,

entendendo que a mesma localiza e dentre outras, aguça a parte motora/subjetiva. Desta forma, com mais atenção dada a esta questão o professor verá que esta se faz também necessária no ensino de Geografia, entre outros. Afim de uma educação de qualidade e uma formação que qualifique e empodere o futuro pedagogo não só em lidar bem na hora da aula de Geografia, mas também, saber lidar com as questões do sistema que o impedem de exercer sua profissão com qualidade e dignidade.

Em síntese, Denota-se que há professores que ainda tem uma visão que para lecionar a disciplina de Geografia é necessário apenas estudar com antecedência o conteúdo. Mas, sabemos que só isso não basta, é preciso o professor se planejar, ser criativo, dinâmico para expor o conteúdo com clareza. Sabe-se que o ensino de geografia tem uma função extraordinária para a formação do indivíduo, a mesma faz com que o sujeito seja mais crítico. Portanto, para o cidadão ser crítico não basta o professor trabalhar no âmbito escolar só conteúdos críticos, é fundamental que ele leve para sala de aula algo que irá fazer com que os estudantes venham refletir, pensar, raciocinar, participar, para que possam construir suas próprias opiniões, isso também é tão importante quanto os conteúdos críticos.

Dessa forma, o ensino de geografia é importante, pois cumpre um papel essencial na escola e requer total responsabilidade de todos os indivíduos, isto é, uma postura reflexiva sobre a educação. Também, o Ensino de Geografia como atividade escolar tem a capacidade de conduzir os educando a uma auto-reflexão sobre o conteúdo exposto pelo professor. As crianças têm que ter um olhar relevante em relação à especificidade da Geografia, para a construção de experiências significativas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Leandra de Lourdes Resende. A Geografia nas Séries Iniciais e o Professor regente – O Desafio de Construir e Aplicar Atividades Didático-Pedagógicas. Pg. 1-7. In **IV Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão: didática e avaliação**, 2015. UFU/MG.
- ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Novos Rumos da Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2011.
- ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2014
- ALMEIDA, Rosângela Doin de. PASSINI, Elza Y. **O espaço Geográfico Ensino e Representação**. São Paulo: Contexto, 1994.
- BAUAB. Fabrício Pedroso. A Geografia Geral (1650) de Bernhardus Varenius: a modernidade da obra. **RA'E GA** 23 (2011), p. 191-220. Departamento de Geografia – UFPR ISSN: 2177-2738.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais - História e Geografia**. Brasília, 1997.
- CASTROGIOVANNI, Antonio. CALLAI, Helena. et al (Orgs) **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 7ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- CASTROGIOVANNI, Antônio. CALLAI, Helena Copetti; SHAFFER, Neiva Otero; KAERCHE, N.A. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4 ed. Editora da UFRGS/Associação dos geógrafos brasileiros. Porto Alegre, 2003.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 15 ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- CAVALCANTI, Lana de Souza **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: alternativa, 2002.
- CAMPOS, Margarida de Cássia. A Formação do Professor de Geografia: a difícil construção do saber/fazer docente. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 3-15, jul. / dez. 2012. 2010, Universidade Federal do Ceará.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de.; GOMES, Paulo Cesar da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- JERONIMO FILHO. Miguel. Subdivisão da Geografia. Disponível em: <http://acienciageograficatoco.blogspot.com/2010/04/subdivisao-da-geografia.html>. Dia do acesso 20/10/2018.
- KAERCHE, Nestor André. **Desafios e utopias no ensino de geografia**. 1 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

- KAERCHER, Nestor André. Ler e escrever a Geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço. In: SCHAFFER, Neiva Otero (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.
- LACOSTE, Yves. A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas, SP: Papirus, 1988.
- MARQUES, Valéria. Reflexões Sobre o Ensino de Geografia nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Pg. 202 a 2013. In 1º Simpósio de Pós-Geografia em Geografia do Estado de SÃO Paulo – SIMPGEO-SP, 2008: VIII Seminário de Pós-Graduação em Geografia da Unesp - Rio Claro.
- MARQUES, M.O. **Conhecimento e modernidade em reconstrução**. Ijuí: UNIJUÍ, 1993.
- MENEZES, Victória Sabbado. A Historiografia da Geografia Acadêmica e Escolar: uma relação de encontros e desencontros. Artigo Científico, pg. 343-462, 2015 - Geographia Meridionalis.
- MORAES, Antonio Carlos R. **Ideologias geográficas**. São Paulo: Annablume, 2005.
- MORAES, Antonio Carlos R. Nação e Território: Ideologias Geográficas na Formação Histórica do Brasil. In: SOUZA, Maria das Graças de et al. **Rumos da Cidadania**. São Paulo: Instituto Prometeus, 2009.
- MOREIRA, Ruy (Org.) A Geografia serve para desvendar máscaras sociais. In: Geografia: teoria e crítica; o saber posto em questão. Petrópolis: Vozes, 1982.
- MOREIRA, Ruy. O discurso do avesso: para a crítica da geografia que se ensina. São Paulo: Contexto, 2014
- MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- PIZZATO, Maria Dilonê. **A geografia no contexto das reformas educacionais brasileiras**. Geosul, v.16, n.32, p 95-137, jul./dez. 2001.
- PONTUSCHKA, Nidia Nacib. **Para ensinar e aprender geografia**. I A Interdisciplinaridade e o Ensino de Geografia. 1 ed. São Paulo: Cortez 2007. p. 143-187.
- PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PAGANELLI, Iyda Tomomoko; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar a aprender Geografia**. 1ª Ed. Cortez, 2007.
- RIGONATO, Valney D. O Ensino de Geografia nas Séries Iniciais: uma proposta e os seus desafios. In **VI Encontro Nacional de Ensino de Geografia: fala professor**, 2007. UFU em Uberlândia/MG.
- ROCHA, Eliel Manasses da. **O ensino da Cartografia na Escola**. Artigo Científico, CULV, UNIASSSELVI. Geografia (GED 0611), 2010.
- RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia Científica**. São Paulo: Avercamp, 2006: Il.

ROSA, Odelfa. **Geografia e Pedagogia**: o professor dos anos iniciais do ensino Fundamental em Catalão (Go). Uberlândia: 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. Universidade de São Paulo. 6ª ed. Editora da Universidade de São Paulo 2004.

SANTOS, Milton. **Território, Globalização e Fragmentação**. 4ª Ed. São Paulo: Hucitec-Anpur, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Luana Araújo da; SEVERO, Daniele da Silva. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia do Ensino Fundamental. Pg. 1-14. In **I Congresso de Inovação Pedagógica e VII Seminário de Estágio: perspectivas atuais dos profissionais da educação**. UFA/Arapiraca, 2015.

SILVA, Maria José Barros; SILVA, Marcos Nicolau Santos da. A Metodologia e o Ensino da Geografia nos anos Iniciais do Ensino Fundamental: um estudo em Grajaú – Ma. **Revista GeoAmazônia** – ISSN: 2358-1778 (on line) 1980-7759 (impresso), Belém, v. 04, n. 08, p. 64 - 92, jul./dez. 2016.

SILVA, Daiane Magalhães. **As Contribuições da Geografia na Educação Infantil: processo de ensino e aprendizagem utilizando o espaço geográfico**. Artigo Científico, pg. 1 -10. UFPI, 2014.

SILVA. Alzeni Severina da. Geografia nos Anos Iniciais da Educação Básica: formação humana e confiança no ser, fundamentos do agir pedagógico e da metodologia de ensino. In **VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**. Vitória /Es, 2014.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia**: o desafio da totalidade- mundo nas séries iniciais. 2ª ed. São Paulo: AnnaBlume, 2008.

TONINI, Ivaine Maria. Geografia escolar: uma história sobre seus discursos pedagógicos. 2. Ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

UFT- **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia**, 2007.

VIGOTSK. L S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. Ed. Martins Fontes, 1ª ed.. São Paulo, 2001.

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTA RELATIVO À PESQUISA

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE PEDAGOGIA
GRUPO DE PESQUISA EDURURAL

Av. Lourdes Solino, s/nº Setor Universitário | 77650-000 | Miracema /TO
(63)33668640 | www.uft.edu.br | layanna@uft.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento visa solicitar sua participação na pesquisa que tem por tema: ***PEDAGOGIA EO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO NAS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS – TO***, que tem com a finalidade analisar como se processa o ensino de Geografia nos anos iniciais nas escolas do ensino fundamental no município de Miracema do Tocantins – TO, e de refletir acerca dos entraves no ensino da disciplina e das dificuldades no processo de planejamento e de atuação do professor nas atividades pedagógicas entorno das discussões do ensino de geografia. Esta pesquisa será desenvolvida pela acadêmica Alana Tamara Sousa Moreira, sob orientação da Professora **Dr^a Layanna Giordana Bernardo Lima**. Neste sentido, poderemos oferecer qualquer esclarecimento no momento da pesquisa ou posteriormente através dos telefones (63) 98426-7139 e 984540808.

Neste trabalho será utilizado a entrevista como instrumento de pesquisa com um roteiro de perguntas semi estruturadas, tendo a duração aproximada de 20 a 40 minutos e será gravada para o melhor aprimoramento dos dados e fidelidade das falas. Desta forma, os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos (as) participantes sob nenhuma hipótese, em nem uma apresentação oral ou trabalho escrito, que venha a ser publicado. Assim, a pesquisadora/Acadêmica **Alana Tamara Sousa Moreira**, se compromete a elucidar devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento desta pesquisa.

A participação nessa pesquisa não oferece risco ou dano a pessoa entrevistada. Se no decorrer da pesquisa o (a) participante resolver não mais continuar terá toda liberdade de o fazer-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo.

Dessa forma, declaro estar ciente das informações constantes neste **‘termo de consentimento Livre e Esclarecido’** entendendo que serei resguardado pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na pesquisa; poderei retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do Estudo sem que isso me traga qualquer prejuízo poderei pedir, a qualquer tempo, esclarecimentos sobre esta pesquisa; que foi devidamente esclarecido sobre os objetivos da pesquisa a cima mencionada de maneira clara e detalhada; recusar a dar informações que julgue prejudiciais a minha pessoa. Permito a gravação de minha entrevista, que será transcrita, lida e utilizada na referida pesquisa de forma integral ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. As informações são de responsabilidade do pesquisador. Abdico direitos autorais meus e de meus descendentes subscrevendo o presente temo”. Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos dessa pesquisa e ter esclarecido todas as minhas duvidas eu _____ concordo participar desta pesquisa.

Entrevistado/ Sujeito da pesquisa

Acadêmica

Professor Orientador

Data: ____/____/____

APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTA RELATIVO À PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro de Entrevista referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Universidade Federal do Tocantins, Curso de Licenciatura em Pedagogia, com o Tema: ***PEDAGOGIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA : UM ESTUDO NAS ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS – TO***, pela acadêmica Alana Tamara Sousa Moreira, sob a orientação da Professora Dr^a. Layanna Giordana Bernardo Lima.

Questões:

1. Qual o papel do ensino de geografia nos anos iniciais?
2. Dentro da sua perspectiva de professor (a) e vivências, qual a relevância dada ao ensino da geografia nos anos iniciais?
3. Em relação à prática de professor (a), como você avaliar a sua formação em Pedagogia no que tange aos conhecimentos fundamentais e metodológicos do ensino de geografia para os anos iniciais?
4. Neste sentido, como foram as suas primeiras aulas logo após sair da universidade referente às aulas de geografia nos anos iniciais (relato pessoal referente aos primeiros contatos como professor (a) da disciplina)?
5. Quais os desafios e suas principais dificuldades do ensino de geografia nos anos iniciais? E quais as causas dessas dificuldades?
6. No seu ponto de vista de professor (a), qual o interesse da criança nos anos iniciais no tocante ao aprendizado das aulas de geografia?
7. Você propõe uma metodologia interdisciplinar relacionando os conceitos da geografia (espaço, território, paisagem e lugar); ou segue o planejamento dos livros referentes à

disciplina? Qual a concepção pedagógica de ensino de geografia que utiliza para seu planejamento?

8. Você como professor (a) gosta de ministrar as aulas de geografia? Se sim, por quê? Se não, por quê?
9. Você trabalhar com as crianças alfabetização cartográfica? Como?
10. Proporia algo diferente do até aqui exposto para o ensino de geografia nos anos iniciais e para otimizar o aprendizados dos alunos (as)?